

TEOLOGIA SISTEMÁTICA I



Seminário
Casa de
Profetas

SUMÁRIO

	<u>Pág.</u>
- INTRODUÇÃO	03
- CAPÍTULO I	
- Doutrina das Escrituras (Bibliologia)	04
- CAPÍTULO II	
- Doutrina de Deus (Teologia)	26
- CAPÍTULO III	
- Doutrina do Espírito Santo (Pneumatologia)	62
- CONCLUSÃO DO CURSO	79
- REFERÊNCIAS	80

INTRODUÇÃO:

“Conheçamos, e prossigamos em conhecer ao Senhor...”

Oséias 6:3b

A TEOLOGIA SISTEMÁTICA, é a disciplina da teologia cristã que formula uma descrição ordenada, racional e coerente da fé e crenças cristãs. E nos ajuda no estudo das doutrinas bíblicas para que possamos entender os princípios elementares da fé cristã, e nos dá base para refutações aos que contradizem a palavra de Deus.

Procuraremos neste estudo ensinar ao aluno sobre o porque e onde devemos fundamentar nossa fé. Desta forma estaremos edificando uma igreja madura e acima de tudo consciente de quem é o Deus que ela serve e as diversas bases de fé (doutrinas) que o Senhor Jesus deixou para não sermos enganados.

Neste curso estaremos estudando três grandes doutrinas bíblicas: Doutrina das Escrituras, Doutrina de Deus e Doutrina do Espírito Santo.

Seja bem-vindo ao estudo de TEOLOGIA SISTEMÁTICA !!

CAPÍTULO I

A DOUTRINA DAS ESCRITURAS – “BIBLIOLOGIA”

A) INTRODUÇÃO

Deus em toda a história, é um Deus que deseja se revelar ao homem, e isto, desde os primórdios é o que ele vem fazendo. Revelar é informar, e isto é exatamente o que Deus tem feito. O Deus que não só através da Bíblia mostra-se "Os céus por sua palavra se fizeram, e pelo sopro de sua boca o exército deles" (Sl 33:6), mas também deixa a sua marcas impressas no decorrer da história. Através das escrituras sagradas, a Bíblia, o Senhor Deus Fala a homens escolhidos, com a maior de todas as revelações na pessoa de Jesus Cristo, o Verbo encarnado: (Jo 1:1-4); (Hb 1:1,2).

A revelação de Deus pela natureza é, porém, bastante limitada. Todos os grandes propósitos e planos de Deus para a humanidade são revelados apenas na palavra escrita, a Bíblia. Ao invés de a Bíblia apresentar os esforços do homem para descobrir Deus, ela é uma narrativa dos esforços de Deus para revelar-se ao homem. É então de suma importância que entendamos *algo* de sua *origem*, sua formação, sua autoridade, infalibilidade e inspiração divina. Não há dúvida de que a Bíblia é a palavra de Deus divinamente inspirada e dada ao homem. Apesar de muito distanciados, cronologicamente falando, seus livros constituem um todo harmonioso. Encontramos entre eles uma unidade de assuntos, de espírito e de tratamento. Nenhum escrito de um livro anterior é negado pelos posteriores. O que acontece é um progresso, jamais um negação. A Bíblia julga o homem, revela-lhe as culpas, condena-lhe os atos e o faz pensar em Deus como a única solução para sua situação decadente. Por isso, temos na Bíblia a solução de nossos problemas, a inspiração para os maiores empreendimentos, o caminho que nos conduz aos pés do único que pode nos salvar, Jesus Cristo.

B) COMO SÃO CHAMADAS AS ESCRITURAS

A palavra "Bíblia" em português vem do grego βιβλίον (*biblos*), que significa "um livro", assim "Bíblia" βιβλία- é o plural de biblos.

A Bíblia também é chamada de "Escrituras" (Mt 21:42); "Livro do Senhor" (Is 34:16). Paulo usa

as terminologias: “Sagradas Escrituras” (Rm 1:2); “Sagradas Letras” (II Tm 3:15); “Oráculos de Deus” (Rm 3:2). Um dos nomes mais descritivos e satisfatórios é “Palavra de Deus” (Hb 4:12).

C) COMO SE DIVIDEM AS ESCRITURAS

A Bíblia se divide em duas partes: O Velho Testamento e o Novo Testamento. A palavra "testamento" foi originalmente traduzida como "aliança" ou "pacto" que Deus fez com seu povo. O Antigo Testamento contém 39 livros e o Novo Testamento, 27 livros. Estes 66 livros foram escritos num período de 16 séculos e tiveram cerca de 40 autores, que, mesmo pertencendo às mais variadas profissões e atividades, viveram e escreveram em países, regiões e continentes diferentes, distantes um dos outros, em épocas e condições diferentes. Entretanto seus escritos formam uma harmonia perfeita, o que prova que foram dirigidos a escrever por uma só pessoa, Deus.

Encontramos no Velho Testamento a revelação gradual e progressiva de Deus ao povo escolhido, revelação que prepara o caminho para a vinda de Jesus Cristo, seu Filho, e, no Novo Testamento, o cumprimento desta revelação como o nascimento, vida e morte de Jesus, e, ainda mais, o resultado da revelação na vida dos crentes. Não podemos negar que a Bíblia é o livro por excelência.

a. Divisões do Velho Testamento

- A Lei (Tora) - também conhecido como Pentateuco – os cinco primeiros livros da Bíblia: Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio. Aqui encontramos a Lei e a história de como a Lei foi dada ao povo israelita.

- Os Livros Históricos – Josué, Juízes, Rute, I e II Samuel; I e II Reis; I e II Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

- Os Poéticos – Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares;

- Os Proféticos – São divididos em – Profetas Maiores – Isaías, Jeremias, Lamentações, Ezequiel e Daniel. Profetas Menores – Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.

b. Divisões do Novo Testamento

- Biográficos (quatro livros): Mateus, Marcos, Lucas e João.

- Históricos (um livro): Atos.

- Pedagógicos (21 livros): Romanos, I e II Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, I e II Tessalonicenses, I e II Timóteo, Tito, Filemom, Hebreus, Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas.

- Proféticos (um livro): Apocalipse.

As seguintes divisões alternativas são por vezes sugeridas:

1. Os evangelhos: Mateus, Marcos, Lucas João
2. Os Atos dos Apóstolos
3. As Epístolas de Paulo (inclusive Hebreus)
4. As Epístolas Gerais
5. O livro de Apocalipse

c. Divisões em capítulos e versículos

A Bíblia não era originalmente dividida em capítulos e versículos como a conhecemos hoje. Supunha-se que as divisões em capítulos tivessem sido introduzidas pela primeira vez em 1250 d.C., pelo cardeal Hugo de Saint Cher, que era um abade domiciano e estudioso das Escrituras, que morreu em 1263. A primeira Bíblia escrita inteiramente dividida em versículos foi a Bíblia de Genebra, em 1560. O Antigo Testamento tem 929 capítulos e 23.214 versículos, e o Novo Testamento consta de 260 capítulos e 7.959 versículos. A Bíblia foi o primeiro livro impresso no mundo após a invenção do prelo (em 1452 na Alemanha).

É de suma importância que o estudante compreenda que estas divisões não faziam parte dos textos originais, não foram inspiradas. Algumas vezes há necessidade de ignorar completamente a divisão em capítulos. Dois *exemplos* simples deste problema são os seguintes: em Atos 22, a mensagem de Paulo está separada dos acontecimentos que a

motivaram, registrados no capítulo anterior. João 7:53 e 8:1, lidos juntos, sem o corte do capítulo, apresentam um contraste significativo: "E cada um foi para sua casa. Jesus, entretanto, foi para o Monte das Oliveiras".

D) CONHECENDO OS ESCRITORES DAS ESCRITURAS

Como já falamos, a Bíblia é um só livro, com quarenta autores diferentes, muitos dos quais nunca se conheceram, através de um período não inferior a 1.500 anos. Todavia, sua unidade e continuidade são tão evidentes que é fácil pensar que teve um só autor – que não seria outro senão o próprio Deus.

Dos sessenta e seis livros da Bíblia, os autores de cinquenta e cinco são facilmente identificados pela tradição e história. Salmos e Provérbios têm vários autores. As inscrições que aparecem como cabeçalho de muitos salmos sugerem pelo menos sete escritores diferentes.

Todos os autores, com a possível exceção de Lucas eram judeus e escreveram no contexto da religião judaica.

É sumamente interessante notar a variedade de ocupações representadas pelos autores conhecidos:

- Dois dos escritores eram reis - Davi e Salomão.
- Dois eram sacerdotes - Jeremias e Ezequiel.
- Lucas era médico.
- Dois eram pescadores - Pedro e João.
- Dois eram pastores - Moisés e Amós.
- Paulo era fariseu e teólogo.
- Daniel era político.
- Mateus era cobrador de *impostos*.
- Josué era soldado.
- Esdras era escriba.
- Neemias era mordomo.
- Os antecedentes e ocupações dos outros são em sua maioria desconhecidos.

E) CONHECENDO O CÂNON DAS ESCRITURAS

O “Cânon” ou Escrituras Canônicas, é a coleção completa dos livros divinamente inspirados, constituindo a Bíblia Sagrada. A palavra "cânon" vem do grego *Kanon*, significando uma "cana" ou "vara reta de medir", e indica uma regra, uma norma. Assim sendo, o cânon da Bíblia consiste naqueles livros considerados com mérito para serem incluídos nas Sagradas Escrituras. Segundo os autores Selby e West: "... cânon não foi determinado tanto por decreto rabínico ou da igreja, como pelo mérito de cada livro separadamente e pela sua recepção pela comunidade de fiéis, em vista da inspiração ou edificação que oferecia." Este termo foi utilizado pela primeira vez aos livros da Bíblia por Orígenes (185-254 d.C.)

a. O cânon do Antigo Testamento

Não existe hoje, uma posição correta sobre a época exata em que o cânon do Antigo Testamento se encerrou, pois este fato tem levado a uma variedade de opiniões entre eruditos bíblicos. O próprio Antigo Testamento não se refere ao assunto. No entanto, oferece muitas sugestões quanto ao início das leis de Deus por escrito, a fim de que pudessem ser preservadas para o povo. A escrita já era conhecida na Palestina séculos antes de Moisés, e a arqueologia tem provado isto, inclusive tem encontrado inúmeras inscrições, placas sinetes e documentos antediluvianos. Deuteronômio, capítulo 31, dá uma descrição de Moisés escrevendo a Lei, que deveria ser guardada e lida para o povo de Israel a cada sete anos.

Esta ocasião poderia marcar perfeitamente o princípio do cânon do Antigo Testamento, pois temos: Dt 31:24-26, Js 24: 26, 1 Sm 10:25, Jr 36:2. Gerações que vieram depois consultaram os escritos de seus predecessores: Dn 9:2, Ne 8:1-8, 2 Rs 22:8, 2 Rs 23:2. Vemos desse modo os *começos* do que veio posteriormente a tornar-se a Escritura do Antigo Testamento.

George L. Robinson conclui (segundo a divisão tripla do Antigo Testamento hebraico) que os livros da Lei foram reconhecidos como canônicos nos dias de Esdras (444 A.C.); que os Profetas foram reconhecidos como tal algum tempo depois (cerca de 200 A.C.) e que os Escritos receberam autoridade por volta de 100 A.C. O importante é que o cânon do Antigo Testamento se achava indubitavelmente completo nos dias de Cristo. Jesus referiu-se a ele como "as

Escrituras", dizendo: "Examinais as Escrituras, porque julgais ter nelas a vida eterna" Jo 5:39, Lc 24:27, em Lc 11:51 encontramos uma declaração interessante de Jesus em que ele falou do tempo "desde o sangue de Abel até o de Zacarias, que foi assassinado entre o altar e a casa de Deus".

A Bíblia usada pelos evangélicos contém trinta e nove livros no Antigo Testamento, enquanto o Antigo Testamento judeu só conta com vinte e quatro. Isto é explicado porque: os doze livros dos Profetas Menores (Oséias até Malaquias) são apenas um livro; os seguintes são também um único livro cada um – 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis, 1 e 2 Crônicas, Esdras e Neemias. Desse modo, embora não haja diferença nas palavras, o Antigo Testamento hebraico cita 9 títulos a menos.

b. Os chamados “apócrifos”

A palavra “apócrifo” significa literalmente “escondido, oculto”, em seu significado comum. No sentido religioso está relacionado aos “Livros Apócrifos” e significa “não genuíno, espúrio”, e se refere aos quatorze livros acrescentados ao Antigo Testamento, considerados como parte do cânon sagrado, especialmente pela Igreja Católica Romana. Os protestantes geralmente não os incluem em sua Bíblia, sendo que Jerônimo, Agostinho, Atanásio e outros homens de valor dentre os cristãos da igreja primitiva não os aceitaram também como livros inspirados. Esses livros não fazem parte da Bíblia hebraica, embora na Septuaginta (LXX), tradução do Antigo Testamento em grego, feita em 280 A.C. e 180 A.C., contém estes livros apócrifos.

Os quatorze apócrifos na realidade são 10 livros e 4 acréscimos a livros canônicos, e são: 1 e 2 Esdras, Tobias, Judite, adições ao livro de Ester, Sabedoria de Salomão, Eclesiástico, Baruque, com a Epístola de Jeremias, a Canção das Três Crianças Santas, a História de Suzana, Bel e o Dragão, A Oração de Manasses, 1 e 2 Macabeus.

c. O cânon do Novo Testamento

Como vimos no Antigo Testamento, homens inspirados por Deus escreveram também, aos poucos, os livros que compõem o cânon do Novo Testamento. É muito mais fácil traçar a canonização dos vinte e sete livros do Novo Testamento do que a dos do Antigo Testamento. A evidência disponível é muito maior. No ano 100 d.C. todos os livros do Novo Testamento já estavam escritos. A recém-formada igreja cristã usava as Escrituras do Antigo Testamento como base para a sua fé, mas, além disso, era dada grande importância às palavras de Jesus e aos ensinamentos dos apóstolos. Dessa forma, não decorreu muito tempo antes que os evangelhos passassem a ser usados juntamente com o Antigo Testamento. A autoridade dos apóstolos é plenamente confirmada. João declara: "o que temos visto e ouvido anunciamos também a vós outros" (1 Jo 1:3); Pedro diz que foram "testemunhas oculares de sua majestade" (II Pe 1:16); e vemos a respeito dos primeiros crentes: "E perseveravam na doutrina dos apóstolos e na comunhão" (At 2:42). Este também foi um dos problemas que causaram uma certa demora na canonização dos livros do Novo Testamento, que foi o surgimento de escritos heréticos com pretensão de autoridade apostólica, que também aconteceu nos tempos do encerramento do cânon do Antigo Testamento.

As epístolas de Paulo eram preservadas pelo seu valor espiritual e lidas nas igrejas, tendo em vista terem sido escritas para satisfazer a uma necessidade específica de uma igreja local ou de um indivíduo. Em várias ocasiões, Paulo deu instruções definidas para que suas cartas fossem lidas e circuladas. A igreja de Colossos ele advertiu: "E, uma vez lida esta epístola perante vós, providenciai para que seja também lida na igreja dos laodicenses; e a dos de Laodiceia, lede-a igualmente perante vós" (Cl 4:16). A fim de que isso pudesse acontecer, é provável que uma cópia das cartas para Colossos e Laodiceia tivesse de ser feita. À medida que esta prática se ampliou, é fácil ver que, dentro de poucos anos, coleções das cartas de Paulo poderiam ser obtidas.

Podemos notar que o Novo Testamento aponta para uma distribuição bastante ampla desses escritos. João recebeu instruções: "O que vês, escreve em livro e manda às sete igrejas" (Ap 1:11). A Epístola de Tiago foi dirigida "às doze tribos que se encontram na dispersão" (Tg 1:11). A primeira epístola de Pedro foi escrita "aos eleitos que são forasteiros da dispersão, no

Ponto, Galácia, Capadócia, Ásia e Bitínia" (I Pe 1:1). Existe uma forte possibilidade de uma compilação primitiva de um cânon do Novo Testamento a ser reconhecido num mesmo plano que as escrituras do Antigo Testamento. (II Pe 3:15,16).

Nos primeiros anos do século II, começou a sentir-se a influência dos Pais da Igreja, tratava-se de estudantes talentosos, professores e líderes da igreja. Em suas cartas às primeiras igrejas, eles faziam inúmeras citações dos livros que viriam a tornar-se o cânon do Novo Testamento. Essas cartas dão um testemunho definido do valor do livro que citavam, colocando-o em posição superior às suas próprias palavras. No final do século II, todos menos sete dos 27 livros do Novo Testamento foram reconhecidos como canônicos. Os sete livros que não receberam completo reconhecimento na época são os seguintes: Hebreus, II e III João, II Pedro, Judas, Tiago e Apocalipse.

Com o surgimento das perseguições ordenadas pelo imperador Diocleciano (302-305), que ordenou que as Escrituras fossem queimadas, deu-se um impulso adicional no sentido de formar um cânon definitivo do Novo Testamento. Foi então necessário determinar quais livros eram considerados como Escritura. Os cristãos precisavam decidir por quais livros valeria a pena sofrer e morrer. Foi então que a questão do cânon teve um significado sério e prático. Vinte e cinco anos depois das perseguições de Diocleciano, Constantino, o novo imperador, abraçou o cristianismo e ordenou a Eusébio, bispo de Cesaréia e historiador da igreja, que preparasse e distribuisse 50 cópias do Novo Testamento. Foi assim necessário decidir quais livros deveriam ser incluídos. Atanásio (nascido cerca de 298 a.D.), em uma de suas epístolas *pastorais*, menciona os 27 livros do Novo Testamento como Escritura. No terceiro concílio de Cartago (397), as igrejas cristãs ocidentais estabeleceram a forma final do cânon do Novo Testamento. Desse modo, no final do século IV, os 27 livros foram aceitos.

Eram observados alguns princípios para se determinar a canonicidade de um livro do Novo Testamento, tais como:

- a. Se o livro foi escrito por um apóstolo, ou por alguém associado de perto com os apóstolos?
- b. Se o livro estava sendo lido nas igrejas e seu conteúdo era um meio de edificação espiritual?
- c. O conteúdo do livro era doutrinariamente correto?

- d. O livro era universalmente reconhecido nas igrejas, sendo amplamente citado pelos Pais da Igreja?
- e. Ele dava verdadeira evidência de inspiração divina?

F) A INFALIBILIDADE DAS ESCRITURAS

Como definição sobre a infalibilidade da Escritura podemos declarar que significa que os escritos originais da Bíblia não continham erros. Nos idiomas originais em que foi escrita, ela é absolutamente infalível, ou seja, sem erros que a desqualificasse como Escritura Sagrada. Esta posição tem se mantido firme entre todas as confissões das grandes igrejas evangélicas através dos anos.

Quando comparamos a Escritura a textos científicos, verificamos que os textos científicos tendem a mudar à medida que novos fatos surgem, fazendo com que as conclusões sejam revistas e até mesmo mudadas, já a Bíblia não teve de ser alterada em nada, no decorrer de milhares de anos desde que foi escrita, ela se mantém a mesma, refletindo a verdade através das gerações.

a. Testificando sobre a infalibilidade da Escritura

1. A doutrina da infalibilidade vem e é reforçada pela própria escritura, em sua afirmação de ser inspirada por Deus "Toda Escritura é inspirada por Deus" (II Tm 3:16). "Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo" (II Pe 1:21).

2. Os escritores do Antigo Testamento são muito claros ao afirmar que estavam transmitindo a Palavra de Deus: Moisés disse: "Nada acrescentareis à palavra que vos mando, nem diminuireis dela" (Dt 4:2). O salmista declarou: "A lei do Senhor é perfeita... o testemunho do Senhor é fiel" (Sl 19:7). Samuel declarou: "O Espírito do Senhor fala por meu intermédio, e a sua palavra está na minha língua" (II Sm 23:2). Isaías escreveu: "Ouvi, ó céus, e dá ouvidos, o terra, porque o Senhor é quem fala" (Is 1:2). Jeremias cita as palavras ditas a ele pelo Senhor: "Tudo quanto eu te mandar, falarás... Eis que ponho na tua boca as minhas palavras" (Jr 1:7-9). Ezequiel conta a sua missão: "Mas tu lhes dirás as minhas

palavras" (Ez 2:7), e "dize-lhes as minhas palavras" (Ez 3:4). O Antigo Testamento dá então testemunho a seu próprio respeito.

3. Os escritores do Novo Testamento também dão testemunho do fato de que era Deus quem falava no Antigo Testamento.

(a) Nos Evangelhos: "Ora, tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que fora dito pelo Senhor por intermédio do profeta" (Mt 1:22). "Como prometera, desde a antigüidade, por boca dos seus santos profetas" (Lc 1:70). "O próprio Davi falou pelo Espírito Santo..." (Mc12: 36).

(b) Nas epístolas: Os apóstolos também deram seu testemunho quanto à perfeição das Escrituras do Antigo Testamento. Paulo afirmou que a lei era santa, e "o mandamento... justo e bom" (Rm 7:12). O escritor de Hebreus considerava a Palavra de Deus como viva e eficaz, chegando a julgar até mesmo nossos sentimentos e pensamentos mais íntimos (Hb 4:12). Tiago descreve a Palavra como "a lei perfeita, lei da liberdade" (Tg 1:22-25). Ele considerou sua completa autoridade ao fazer esta advertência: "Ou supondes que em vão afirma a Escritura...?" (Tg 4:5). João encerra a revelação escrita com as palavras: "Eu, a todo aquele que ouve as palavras da profecia deste livro, testifico: se alguém lhes fizer qualquer acréscimo, Deus lhe acrescentará os flagelos escritos neste livro; e se alguém tirar qualquer coisa das palavras do livro desta profecia, Deus tirará a sua parte da árvore da vida, da cidade santa, e das coisas que se acham escritas neste livro" (Ap 22:18-19).

(c) O próprio Jesus deu testemunho da Escritura. Jesus declarou: Nem um "i" ou til jamais passará da lei, até que tudo se cumpra" Mt 5:18. Ver também: Jo 10: 35. Em Lc 24:44 Jesus disse: "... importava se cumprisse tudo o que de mim está escrito na Lei de Moisés, nos Profetas e nos Salmos." Jesus referiu-se a inúmeros personagens e acontecimentos do Antigo Testamento, dando assim testemunho da sua autenticidade e autoridade. Ele aprovou a narração do seguinte:

- Criação e casamento - Mateus 19:5
- O dilúvio e a arca de Noé - Lucas 17:26,27
- A destruição de Sodoma e Gomorra - Lucas 17:28,29

- A destruição de Tiro e Sidom - Mateus 11:21,22
- A circuncisão - João 7:22
- A páscoa - Mateus 26:2
- A lei - João 7:19
- Os mandamentos - Mateus 19:7-9
- A lei judia do divórcio - Mateus 19:7-9
- O fato da sarça ardente - Marcos 12:26
- O símbolo de Jonas e o grande peixe - Mt 12:40
- O arrependimento de Nínive - Mateus 12:41
- A glória de Salomão - Mateus 6:29
- A sabedoria de Salomão - Mateus 12:42
- A festa dos tabernáculos - João 7
- Davi come os pães da proposição - Mateus 12:3
- Os sacerdotes profanam o sábado - Mateus 12:5
- O céu se fecha na época de Elias - Lucas 4:25
- A história de Naamã, o leproso - Lucas 4:27
- O registro da serpente levantada - João 3:14-15
- O assassinato de Abel e Zacarias - Mateus 23:35
- A missão do Messias - Lucas 4:16-21
- A missão de João Batista - Mateus 17:10-13
- A missão de Elias - Mateus 17:10-13
- Daniel e sua grande profecia - Mateus 24:15

G) A INSPIRAÇÃO DAS ESCRITURAS

A Inspiração Divina é a influência sobrenatural do Espírito Santo como um sopro sobre os escritores da Bíblia, capacitando-os a receber e transmitir a mensagem divina de acordo com a revelação do próprio Deus, sem erros. Assim, concluímos que a Bíblia é um livro sem erros e infalível - um livro de palavras, frases e orações que, como escrito originalmente, não contém forma alguma de erro que macule seu título de Palavra de Deus. Mesmo sendo escrita pelo homem - decaído, fraco e pecador e com todo o potencial para entender mal, interpretar

mal, com sua falta de memória e até com a possibilidade de falsificação maliciosa; todavia, é declarado que tudo o que ele escreveu não contém qualquer evidência dessas fraquezas naturais, pois foi o próprio Deus que "inspirou" os escritores, pelo seu sopro criativo. Assim como Deus soprou em Adão o "fôlego da vida", Ele soprou também nas Escrituras o hálito de sua vida. Em 2 Pedro 1:21 "...os homens santos de Deus falaram inspirados pelo Espírito Santo" (IBB). Este versículo diz literalmente: "Porque nunca jamais qualquer profecia foi dada (ou trazida) por vontade humana, entretanto homens falaram da parte de Deus movidos (ou trazidos) pelo Espírito Santo.

a. Entendendo a diferença entre revelação, inspiração e iluminação

É vital importância entendermos a diferença entre revelação, inspiração e iluminação, para a compreensão correta da inspiração das Escrituras.

a) Revelação: a revelação é o ato de Deus mediante o qual Ele comunica diretamente a verdade antes desconhecida para a mente humana - verdade que não poderia ser conhecida de qualquer outra maneira. A inspiração está ligada à comunicação da verdade. Evans declara: "A revelação descobre novas verdades, enquanto a inspiração *supervisiona a comunicação* desta verdade." Nem todo o conteúdo da Bíblia foi diretamente revelado aos homens. Ela contém registros históricos e muitas observações pessoais. Estamos seguros, porém, de que este registro é verídico. O Espírito Santo dirigiu e influenciou os escritores, a fim de que, por inspiração, não cometessem qualquer erro de verdade ou doutrina. A Bíblia registra as palavras e os atos de Deus, dos homens e do *diabo*. É de suma importância verificar cuidadosamente quem está falando. No livro de Jó, por exemplo, a inspiração dá com igual exatidão a linguagem de Jeová, as palavras de Satanás e os discursos de Jó e seus três amigos. Não coloca, porém, todos no mesmo nível de autoridade. Cada orador é responsável pelos seus próprios pronunciamentos. Nem Satanás, nem Jó, nem seus três amigos falaram por inspiração de Deus. Eles expressaram suas próprias opiniões. Tudo o que a inspiração assegura é que nenhum deles é mal representado, mas que cada um manifestou os sentimentos que lhe foram atribuídos na Escritura.

b) Iluminação: alguns confundem inspiração com iluminação. A iluminação se refere à influência do Espírito Santo, comum a todos os cristãos, que os ajuda a entender a Palavra de Deus (I Co 2:14; Lc 10:21). Alguns tentam explicar a inspiração das Escrituras como resultado desta experiência de iluminação. Myer Pearlman indica duas diferenças específicas entre iluminação e inspiração.

(1) Quanto à duração, a iluminação é, ou pode ser, permanente. Por outro lado, a inspiração também era intermitente; o profeta não podia profetizar por sua própria vontade, mas estava sujeito à vontade do Espírito.

(2) A iluminação admite gradação, a inspiração não. Mas no caso da inspiração, no sentido bíblico, o indivíduo é ou não inspirado.

c) Inspiração: a inspiração é o processo pelo qual homens movidos pelo Espírito (II Pe 1:21) produziram escrituras inspiradas pelo Espírito (II Tm 3:16). L. Gausson nos apresenta uma excelente definição da inspiração, como segue: "Esse poder inexplicável foi colocado pelo Espírito Divino sobre os autores das Sagradas Escrituras, a fim de orientá-los até mesmo no emprego das palavras usadas, e para preservá-los de todo erro e de todas as omissões." O engano está em tentar explicar o inexplicável e sondar o insondável. Os meios ou o processo de inspiração são um mistério da providência de Deus, mas os resultados deste processo são um registro verbal (as palavras), pleno (estendendo-se igualmente a todas as partes), infalível (sem erros) e com autoridade.

H) OS SÍMBOLOS COMPARATIVOS DAS ESCRITURAS

Frequentemente nós encontramos linguagens simbólicas nos ensinamentos bíblicos. A verdade espiritual pode ser muitas vezes transmitida com mais realidade por meio de símbolos que produzem uma imagem na mente humana.

- a. Lâmpada e luz - (Sl 119:105,130), (Pv. 6:23) e (2 Pe 1:19).
- b. Crítico - (Hb 4:12).
- c. Semente - (I Pe 1:23). (Veja também: Lc 8:5-15, notando especialmente o v. 11, "a semente é a Palavra de Deus"; Is 55:10,11; Tg 1:18.)
- d. Lavadouro e água - (Ef 5:26), (Ap. 1:5b), (Sl.119:9; Jo 15:3)
- e. Espada - (Ef.6:17); (Hb 4:12) e (Ef 6:12).

- f. Espelho - (Tg 1:23-25)
- g. Fogo - (Jr 23:29); (Jr 20:9) e (S1 39:3).
- h. Martelo - (Jr.23:29).
- i. Alimento - (Jó 23:12b, IBB).
 - 1. *Leite* - (I Pe 2:2). (Veja I Co 3:1,2.)
 - 2. *Pão* - (Mt 4:4).
 - 3. *Carne* - (Hb 5:12-14).
 - 4. *Mel* - (S1 119:103).

I) ATUAÇÃO DO ESPÍRITO SANTO NAS ESCRITURAS

É maravilhoso ver *como* o Espírito Santo e a Palavra escrita estão sempre em perfeito acordo. E isto se deve porque a Palavra é o resultado da inspiração do próprio Espírito. A seguinte lista de referências nos mostra onde o Espírito Santo e a Palavra são mencionados juntos: II Samuel 23:2 – Provérbios 1:23 – Isaías 40:7,8 – Isaías 59:21 – Zacarias 4:6 – Mateus 22:29 – Marcos 16:20 – Lucas 12:12 – João 3:34 – João 6:63 – João 14:26 – Atos 1:16 – Atos 4:31 – Atos 6:10 – Atos 10:44 – Atos 10:37,38 – Atos 11:15,16 – Atos 13:4,5 – Atos 15:7,8 – Atos 16:6 – Atos 18:25 – Atos 28:25 – Romanos 15:18,19 – I Coríntios 2:13 - I Coríntios 12:8 - II Coríntios 6:7 - Efésios 1:13 - Efésios 6:17 - I Tessalonicenses 1:5 - I Tessalonicenses 1:6 - I Timóteo 4:12 - Hebreus 2:3,4 - Hebreus 6:4,5 – I Pedro 1:12 - II Pedro 1:21 - I João 5:7

J) HISTÓRICO DAS ESCRITURAS

Para entender um pouco mais das Escrituras temos que ver de que forma ela foi escrita e como a temos hoje, em nossa língua, uma vez que não foi escrita originalmente em Português. Tudo começa com os manuscritos originais, ou "autógrafos", como são às vezes chamados. São textos originais escritos por homens movidos pelo Espírito Santo (II Tm 3:16; II Pe 1:20,21).

Alguns homens descrentes de toda a história bíblica, declararam que era impossível que Moisés pudesse ter escrito os primeiros livros da Bíblia, porque a escrita era desconhecida na época (1500 a.C.). No entanto temos hoje, provas arqueológicas que comprovam **que** a escrita já era conhecida milhares de anos antes dos dias de Moisés, ou seja, a própria ciência ao tentar provar que a Bíblia é

falha, acaba provando o contrário, ou seja, Deus é perfeito e tudo o que ele faz é real.

Vamos agora ver alguns materiais utilizados nas formas antigas de escrita:

1. *Pedra*

Deus deu a Moisés os Dez Mandamentos *escritos* em tábuas de pedra (Êx 31:18, 34:1,28).

2. *Argila*

O material de escrita predominante na Assíria e Babilônia era a argila, preparada em pequenos tabletes e impressa com símbolos em forma de cunha chamados de escrita cuneiforme, e depois assada em um forno ou seca ao sol. Milhares desses tabletes foram encontrados pelas pás dos arqueólogos.

3. *Madeira*

Durante muitos séculos a madeira foi a superfície comum para escrever entre os gregos. Isaías 30:8 e Habacuque 2:2.

4. *Couro- Pergaminho*

O *Talmude* judeu exigia especificamente que as Escrituras fossem copiadas sobre peles de animais, sobre couro - pergaminhos. É praticamente certo, então, que o Antigo Testamento foi escrito em couro. Eram feitos rolos, costurando juntas as peles que mediam de alguns metros a 30 metros ou mais de comprimento. O texto era escrito em colunas perpendiculares ao rolo. Os rolos, entre 26 e 70 cm de altura, eram enrolados em um ou dois pedaços de pau.

5. *Papiro*

O Novo Testamento foi escrito sobre papiro. O papiro é feito cortando-se em tiras seções delgadas de cana de papiro, empapando-as em vários banhos de água, e depois sobrepondo-as umas às outras para formar folhas. As folhas tinham de 15 a 38 cm de altura e 8 a 23 cm de largura. Rolos de qualquer comprimento eram preparados colocando juntas as folhas. Geralmente mediam cerca de 10 m de comprimento, embora tenha sido encontrado um rolo com 47 m de comprimento.

6. *Velino ou pergaminho*

O velino começou a predominar mediante os esforços do rei Eumenes II, de Pérgamo (197-158 a.C.). Fez isto aperfeiçoando um novo processo para o tratamento de peles. O

resultado é conhecido como velino ou pergaminho. O velino era preparado originalmente com a pele de bezeros e antílopes, enquanto o pergaminho era de pele de ovelhas e cabras. Obtinha-se assim um couro de excelente qualidade, preparado especial e cuidadosamente para receber escrita de ambos os lados. Este tipo de material foi utilizado centenas de anos antes de Cristo e, por volta do século IV a.D., ele suplantou o papiro. Quase todos os manuscritos conhecidos são em velino.

7. O Códice

O códice é um manuscrito em forma de livro, em vez de rolo. Em torno do século I ou II a.D., as folhas de material de escrita foram juntadas em forma de livro ao invés de reuni-las lado a lado para fazer um rolo. O códice era de mais fácil transporte e tornou possível manter uma quantidade muito maior de escritura num só lugar.

8. Material utilizada para escrever

A tinta negra para escrever era preparada com fuligem ou negro de fumo e cola, diluídos em água. Os essênios, que escreveram os Rolos do Mar Morto, usavam ossos queimados de cordeiro e azeite. Os instrumentos de escrita eram um conzel para usar sobre pedra e um estilete feito de metal ou de madeira dura para uso nas tábuas de argila. Penas foram inventadas para escrever sobre o papiro ou velino.

k) IDIOMAS USADOS NA ESCRITA BÍBLICA

Os idiomas pelos quais a Bíblia foi originalmente escrita são: hebraico, aramaico e grego.

1. O Hebraico

Todo o Antigo Testamento, 39 livros, foram escritos em hebraico, o idioma oficial dos judeus, excetuando-se apenas algumas passagens de Gênesis, Esdras, Jeremias e Daniel (a maior delas que vai de 2:4 a 7:28), que foram escritas em aramaico. As letras tipo bloco eram escritas em maiúsculas, sem vogais, sem espaços entre palavras, frases ou parágrafos, e sem pontuação. Os pontos das vogais foram acrescentados mais tarde (entre 500 e 600 A.D.).

2. Aramaico

É um idioma muito parecido com o hebraico, e se tornou a língua comum na Palestina depois do cativeiro babilônico (c.500 a.C.). Algumas partes do Antigo Testamento foram escritas nesse idioma: uma palavra designando nome de lugar em Gênesis 31:47; um versículo em Jeremias 10:11; cerca de seis capítulos no livro de Daniel (2:4b-7:28); e vários capítulos em Esdras (4:8-6:18; 7:12-26). Temos assim algumas palavras transliteradas do aramaico preservadas para nós no Novo Testamento: *Talitha cumi*, em Marcos 5:41; *Ephphatha*, em Marcos 7:34; *Eli, Eli lama sabachthani*, em Mateus 27:46. Jesus se dirigia habitualmente a Deus como *Abba*, Note a influência disto em Romanos 8:15 e Gálatas 4:6. Outra frase comum dos primeiros cristãos era *Maranatha*, em 1 Coríntios 16:22. O Hebraico foi realmente absorvido pelo aramaico, mas ele continuou sendo a língua oficial do culto divino no templo, nas sinagogas, nos rolos sagrados e entre os rabinos e eruditos.

3. Grego

O Novo Testamento foi originalmente escrito em grego - grego koinê (dialeto popular do homem de rua, comerciantes, estudantes, a que todos podiam entender). O grego é de expressão muito precisa, sendo das línguas bíblicas a que mais se aproxima da língua portuguesa. A mão de Deus pode ser vista nisto, porque o grego era o idioma internacional do século, podendo assim o Evangelho tanto pregado como escrito, ser compreendido pelo mundo todo.

L) OS MANUSCRITOS E AS VERSÕES DAS ESCRITURAS BÍBLICAS

A. Manuscritos

O texto da Bíblia foi preservado e transmitido mediante os seus manuscritos. A palavra "manuscrito" como usada hoje é restrita àquelas cópias da Bíblia feitas no mesmo idioma em que foram originalmente escritas. Existem cerca de 4.500 manuscritos da Bíblia, preparados entre o século II e XV d.C. Este número é significativo quando se considera que os eruditos tendem a aceitar dez ou vinte manuscritos dos escritos clássicos, a fim de reputar genuína uma obra.

1. Classificação dos manuscritos segundo a caligrafia

a) Uncial (do latim *uncia*, polegada): são assim chamados por serem escritos em grandes letras maiúsculas sobre o velino delgado e sem separação entre as palavras. Trata-se dos manuscritos mais antigos.

b) Cursivo: são manuscritos de letras minúsculas, tendo espaço entre as palavras, sendo este modelo desenvolvido no século X. Dos 4.500 manuscritos existentes, cerca de 300 são unciais e o restante, cursivos. Dos 300 unciais existentes hoje, cerca de 200 são manuscritos copiados em velino que datam do século IV ao século IX. Além desses, há cerca de setenta documentos em papiro datados do século II ao século IV.

2. Manuscritos conhecidos

Manuscrito Vaticano - Códice B: Este uncial famoso datado século IV (350, possivelmente 325 a.D.). No Novo Testamento, faltam Marcos 16:9-20, João 7:53-8:11 e Hebreus 9:14 até o fim do Novo Testamento, incluindo as Epístolas Pastorais (I e II Timóteo, Tito e Filemom) e Apocalipse (mas não as Epístolas Gerais: Tiago, I e II Pedro, I, II e III João e Judas). Foi catalogado pela primeira vez em 1481. É interessante notar que não inclui Marcos 16:9-20, porém o escriba deixou mais de uma coluna vazia nesse lugar, como se conhecesse esses versículos, mas estivesse indeciso quanto a incluí-los ou não.

Manuscrito Sinaítico - Códice Alef: Um dos primeiros manuscritos unciais (340 A.D.), o Sinaítico foi descoberto em 1844 pelo Dr. Constantine Tischendorf, um professor da Bíblia e erudito alemão, no Monastério de Sta. Catherine, no monte Sinai. O Dr. Tischendorf descobriu as páginas do manuscrito no Monastério, onde os monges as utilizavam para acender fogo. Ele resgatou quarenta e três folhas do velino. O Sinaítico é considerado um dos dois manuscritos mais importantes existentes. Ele é o único que contém o Novo Testamento completo. O Governo inglês comprou-o dos russos em 1933 por 100.000 libras esterlinas, é considerado um dos livros mais caros do mundo.

Manuscrito Alexandrino - Códice A: Este manuscrito, o último dos três maiores

unciais considerados aqui, data do século V (cerca de 425 A.D.). Tem este nome porque foi escrito em Alexandria e também pertenceu à sua biblioteca.

Manuscrito Efraim - Códice C: Este manuscrito é o que se chama de palimpsesto, significando "raspado". O pergaminho de velino era escasso e de alto preço; portanto, a escrita era algumas vezes raspada e outro material era escrito por cima ou, como neste caso, entre as linhas originais. No século XII, as palavras originais deste manuscrito foram parcialmente apagadas e os sermões do Padre Sírío Efraim (299-378) inseridos entre as linhas. Esta é a razão de ser chamado Manuscrito Efraim. Quase no final do século XVII, um aluno da *biblioteca* pensou ter visto traços de uma escrita mais antiga por baixo dos sermões de Efraim. Em 1834, mediante uma solução química forte, constatou-se ser ambos os testamentos incompletos. Em 1840, Tischendorf revelou mais completamente o texto anterior e foi o primeiro a tê-lo com êxito. Em 1843-45 ele o editou e publicou.

Manuscrito Bezae - Códice D: Data do século VI (cerca 550 A.D.). Este é o mais antigo manuscrito conhecido escrito em dois idiomas. Contém os Evangelhos, Atos e parte das Epístolas. Em 1562, ele foi encontrado no Monastério de Santo Irineu, em Lyons, França, por Theodore Bezae, renomado literato bíblico francês que viajou para a Suíça e se converteu em assistente e sucessor de João Calvino, o famoso reformador de Genebra. Em 1581, Bezae entregou o manuscrito à Universidade de Cambridge.

Manuscrito Claromontanus - Códice D2: Data do século VI. É um uncial e contém as epístolas Paulinas.

B. As versões das Escrituras

Uma outra forma de escrita que também dá testemunho da antiguidade das escrituras, são as versões. A versão é uma tradução do idioma original de um manuscrito em outro idioma. Abaixo veremos algumas versões

1. A Septuaginta: é comumente designada por "LXX", e o nome vem do latim, que quer dizer setenta, é às vezes chamada de "Versão Alexandrina", por ter sido traduzida na cidade de Alexandria, no Egito. Esta é, talvez, a mais importante das

versões, por sua data antiga e influência sobre outras traduções. A Versão Septuaginta é uma tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego. Foi iniciada cerca de 200 A.C. e terminada cerca de 180 A.C. Este é o documento bíblico mais antigo que possuímos.

2. O Pentateuco samaritano: não é propriamente uma versão, mas é um Pentateuco hebraico escrito em letras samaritanas. O samaritano é um dialeto oriundo do hebraico antigo, surgido com a mistura do povo assírio trazido para Samaria por Sargão II quando do cativeiro das 10 tribos de Israel. A data em que foi escrito é aproximadamente 430 a.C. Em 2 Reis 17:26-28, lemos a respeito de um sacerdote, dentre os judeus cativos na Assíria, sendo mandado de volta a Samaria para ensinar o povo.

3. As versões siríacas: É quase idêntico ao aramaico.

a) O Siríaco Antigo. Só se soube da sua existência há pouco mais de cem anos.

Existem dois manuscritos principais desta obra:

(1) O Siríaco Curetonio é uma cópia do século V dos evangelhos, consistindo em oitenta folhas.

(2) O Siríaco Sinaítico foi descoberto no Monastério de St. Catherine, no Monte Sinai.

b) A Peshito. A palavra "peshito" significa "simples" ou "comum", sendo então conhecida como Vulgata Siríaca ou Versão Autorizada da Igreja Oriental. Abrange pela primeira vez o Novo Testamento com exceção de poucos livros.

4. As versões latinas: A primeira Bíblia em inglês foi baseada no latim.

a) O Latim Antigo: possivelmente 150 A.D. Existem cerca de vinte cópias dessa versão, também é chamada de Versão Africana do Norte, pois foi feita na África do Norte, possivelmente em Cartago.

b) A Vulgata Latina: é uma nova versão da Bíblia por Jerônimo, que em assuntos Bíblicos foi o homem mais sábio do seu tempo. "Vulgata" significa "comum" ou "corrente". Esta é a grande versão da Bíblia em latim. Por mais de mil anos toda tradução das Escrituras na Europa Ocidental foi baseada nessa obra. É a Bíblia Católica Romana em inglês e é na verdade uma tradução de uma tradução. Depois da invenção

da imprensa em 1450, a Vulgata foi o primeiro livro impresso de tipo móvel (1455).

5. Outras versões das Escrituras

a) Versões Orientais: Versões Egípcias (500 d.C.); Versão Etíope (330 d.C.); Versão Gótica (350 d.C.); Versão Armênia (século V); Versão Georgiana (século V); Versão Eslavônica (século IX)

b) Versões Européias: Versão Alemã (1522); Versão Autorizada ou Versão do Rei Tiago (1611); Versão Revisada (1881); Versão Revisada Americana (1900-1901); Versão Padrão Revisada (1946-1952); New English Bible (1970); Good News Bible (1976); Jerusalem Bible (1966); New International Version (1978).

c) Versões em Português: Versão de Almeida (1819); Versão de Figueiredo (1781, 1790); Tradução Brasileira (1910, 1917); Versão de Rhoden (1935); Versão de Matos Soares (1946)

C. Comprovação da exatidão dos textos bíblicos

Aqueles se são críticos bíblicos sinceros, utilizam-se de três fontes principais de Evidências para os textos bíblicos, que são: os manuscritos, as versões e os escritos dos primeiros Pais da Igreja. Sobre as duas primeiras nós já citamos, agora iremos considerar a terceira:

1. *Os Pais da Igreja*: Alguns dos nomes mais conhecidos de um grupo de cerca de 200 homens, segundo consta, durante os sete primeiros séculos, são:

- Para o período 96-150 a.D.: Clemente de Roma, Hermas, Inácio, Policarpo;

- Para o período 150-325 a.D.: Justino Mártir, Irineu, Clemente de Alexandria, Orígenes, Tertuliano, Cipriano, Tatiano;

- Para o período 325 a.D. em diante: Eusébio, Atanásio, Jerônimo, Agostinho.

Esses homens citaram livremente a Bíblia, não só mencionando todos os 27 livros do Novo Testamento, mas virtualmente cada versículo destes 27 livros do Novo Testamento. Há possibilidade de que alguns tivessem acesso aos próprios originais.

2. *Os Rolos do Mar Morto*: Descobertos pela primeira vez em março de 1947, são cerca de 350 rolos ao todo, uma das maiores descobertas arqueológicas do século XX. Escritos pelos essênios, entre o primeiro século antes e o primeiro século depois de Cristo,

as partes bíblicas deste rolo nos fornecem manuscritos centenas de anos mais antigos que quaisquer *outros*. Partes de cada livro do Antigo Testamento foram encontradas, com exceção de Ester. O livro de Isaías, Trata-se de um manuscrito hebraico de Isaías mil anos mais antigo do que qualquer outro já descoberto. De maneira notável, os rolos confirmam a exatidão do texto massorético do Antigo Testamento.

3. Os *papiros*: Descobertos recentemente (1931) nas tumbas do Egito. Estes têm sido freqüentemente considerados os de benefício mais Importante para a crítica textual do Novo *Testamento*, desde que Tischendorf anunciou a descoberta dos Códices Sinaíticos. O texto é de tão alta qualidade que se compara aos Códices Vaticano e Sinaítico.

CAPÍTULO II

A DOCTRINA DE DEUS – “TEOLOGIA”

A) INTRODUÇÃO

Descrever Deus é, ao mesmo tempo, descrever a nossa teologia e definir a nossa religião. Um sistema religioso será forte ou fraco, segundo a sua idéia de Deus. Ou seja, se a idéia que tem de Deus é parcial e imperfeita, assim também será o sistema em seu todo. Por outro lado, se a idéia é verdadeira, digna e correta, o sistema será igualmente verdadeiro, digno e correto. Então podemos definir que: Teologia é o estudo da Pessoa de Deus e das suas relações com o homem e o universo.

A palavra teologia tem origem em dois termos gregos: theos (θεός), significando "Deus", e logos (λόγος), significando "discurso ou razão"; portanto, dissertação ou raciocínio sobre Deus. De maneira geral, existem três categorias de teologia:

- (1) Teologia Natural - o estudo de Deus como revelado no universo e na natureza.
- (2) Teologia Bíblica - o estudo de Deus como Ele se revelou a nós nas Escrituras.
- (3) Teologia Sistemática - o estudo de Deus a partir da natureza, do raciocínio filosófico e das Sagradas Escrituras, ajustado a um molde ou sistema preconcebido.

Qualquer tentativa de estudar Deus e a verdade divina irá necessariamente tomar alguma forma ou sistema, caso deva ser compreendida e retida. Quase toda sabedoria que possuímos, ou seja, a sabedoria verdadeira e sadia, consiste em duas partes: o conhecimento de Deus e de nós mesmos.

O termo teologia é usado de dois modos: (1) pode descrever o estudo de toda verdade bíblica ou (2) pode descrever mais especificamente o estudo de Deus, sua existência, natureza, nomes, atributos e obras. Neste estudo, o termo teologia será aplicado ao segundo uso mencionado.

B) É POSSÍVEL CONHECER A DEUS

a. Incompreensível

Ao finito não cabe definir o infinito. Deus é o Ser infinito, como podem seres finitos compreender o Deus infinito, ilimitado? (Jó 11:7). "Ó profundidade da riqueza, tanto da sabedoria como do conhecimento de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos e quão inescrutáveis os seus caminhos!" (Rm 11:33). (Veja Is 40:18,25; Sl 36:6.) Não podemos obviamente *compreender* a plenitude da natureza de Deus, nem ter uma idéia completa de todos os seus planos e desígnios. Nossa mente limitada é incapaz de entender a Deus em sua amplitude e complexidade, tendo em vista ser Ele eterno e o seu conhecimento sobre tudo e todos vai muito além do que podemos tentar imaginar.

b. Porém passível de conhecimento

c.

Mesmo entendendo a nossa limitação em entender a Deus em sua totalidade, no entanto tem valor a nossa tentativa de buscar conhecê-lo, porque ainda que não se consiga inteiramente atingir o alvo proposto, só o fato de procurar definir alguma coisa sempre a torna mais clara ao que procura defini-la. A Escritura afirma que se pode conhecer a Deus. (Hb1:1-3). Fica claro que Deus se revelou e pode ser conhecido até o ponto em que chega a sua auto-revelação. (Jo 17:3). Durante esta vida podemos e devemos conhecer Deus até o ponto necessário para a salvação, confraternização, serviço e maturidade, mas na glória do céu passaremos a conhecer Deus mais plenamente: (1 Co 13:12). Podemos então afirmar que conhecer a Deus é um requisito absoluto para a salvação.

C) A EXISTÊNCIA DE DEUS

a. Provas da existência de Deus

Para nós a existência de Deus é a grande pressuposição da teologia. Não há sentido em falar-se do conhecimento de Deus, se não se admite que Deus existe. A Bíblia em ponto algum argumenta a esse respeito; em toda parte as Escrituras assumem sua existência como um fato

aceito. O cristão aceita a verdade da existência de Deus pela fé. Mas não é uma fé cega, mas é baseada em provas, e as provas se acham, primariamente, na escritura como a Palavra de Deus inspirada, e secundariamente, na revelação de Deus na natureza. O primeiro versículo das Sagradas Escrituras afirma: "No princípio criou Deus os céus e a terra" (Gn 1:1).(S1 14:1a). "Os céus proclamam a glória de Deus e o firmamento anuncia as obras das suas mãos" (S1 19:1). Veja também Romanos 1:19-21; Oséias 6:3; João 7:17; I Coríntios 1:20-21.

Podemos ver Deus em quase todas as páginas das Escrituras em que ele se revela em palavras e atos. Esta revelação de Deus constitui a base da nossa fé na existência de Deus, e a torna uma fé inteiramente razoável. Assim, podemos ver que a Bíblia sustenta a validade de uma teologia natural. Os seres finitos não podem demonstrar a existência de um Deus infinito. J.O. Buswell afirma: "A maioria de nós acredita que o sol irá levantar-se amanhã cedo, mas se fossemos analisar as evidências, os argumentos que levam a essa conclusão, seríamos forçados a admitir que eles, por melhores que sejam, são caracterizados pela probabilidade."

b. Argumentos "racionais" sobre a existência de Deus

1. O argumento Cosmológico

"Causa e efeito": ao nosso redor existem efeitos tais como matéria e movimento. (1) eles existem eternamente, pois toda a evidencia indica um universo que está se desgastando (2) surgiram do nada (3) A explicação mais razoável é que a matéria e o movimento foram criados num ponto do tempo. A maioria dos cientistas data o universo de maneira variada, entre cinco e vinte bilhões de anos de antigüidade, é mais provável que o universo seja obra de um criador inteligente, como exposto na Bíblia. E difícil encontrar uma tribo que não acredite num ser ou força superior. "O homem é incuravelmente religioso."

2. O argumento da natureza

Encontramos um propósito designado para quase tudo na natureza. O universo em toda parte manifesta um movimento preciso e ordenado. "O que fez o ouvido, acaso não ouvirá? E o que formou os olhos, será que não enxerga? Porventura quem repreende as nações, não há de punir?" (S1 94:9-10). Todas as coisas parecem fazer parte do equilíbrio da

natureza. A terra está inclinada em seu eixo em relação ao sol, estabelecendo assim as estações e a melhor distribuição de luz e calor durante o ano. A terra fica a uma distância ideal do sol, a fim de evitar o calor escaldante e o frio extremo. A composição química da atmosfera se acha num equilíbrio ideal para a vida animal e vegetal. A proporção de terra fornece a chuva e a umidade adequadas. Ventos e correntes marítimas suprem ar condicionado e linhas costeiras aquecidas. Bênzãos como os sons musicais para os ouvidos e a beleza da cor mostram um projeto que vai além da simples utilidade, e falam de um Criador que planejou ouvidos e olhos como receptores. Será então que seres inteligentes podem crer que uma força ou processo impessoal trouxe à existência este maravilhoso universo? Uma ilustração cabe bem neste ponto. Uma das substâncias mais comuns é a água. A maior parte das outras substâncias torna-se mais densa quando baixa a temperatura. A água, felizmente, se expande e se torna *menos* densa quando congelada. Na forma de gelo, a água flutua por sobre a superfície de lagos, rios e mares. Se a água, quando em seu estado sólido, se tornasse mais densa e afundasse, muitos rios, lagos e mares jamais se descongelariam, e grande parte da terra se tornaria glacial e inabitável. Onde deduzimos que foi um sábio Criador que deu à água suas características diferentes.

3. O argumento histórico

O argumento histórico se apoia sobre o alicerce da divina providência. Os estudantes de história, a não ser que sejam cegos ou parciais, irão descobrir a obra da divina providência. Isto não significa que um propósito sábio é visível em todos os eventos. Deve-se Ter em conta que o homem é pecador e rebelde e, até certo ponto, um agente moral livre. Deus não causa cada evento individual, mas está no controle do fluir dos eventos, executando seus propósitos. Ele cumpre suas profecias inspiradas que se acham registradas na sua Palavra.

4. O argumento Moral

O argumento moral tem diversas formas de expressão, no entanto Kant partiu do raciocínio que deduz a existência de um que como legislador e juiz, tem o absoluto direito de dominar o homem. Em sua opinião este argumento é superior a qualquer outro. Alguns argumentam baseados na desigualdade muitas vezes observada entre a conduta moral dos

homens e a prosperidade que eles gozam na vida presente, e acham que isto requer um ajustamento no futuro que, por sua vez, exige um árbitro justo.

5. *O argumento da alma humana*

O argumento da alma humana tem duas partes: (1) a imagem de Deus no homem; (2) a natureza moral do homem. (Gn 1:26-27). Devemos procurar a imagem de Deus no homem espiritual: "... A imagem de Deus no homem é vista no fato de ele ter domínio sobre as criaturas inferiores e especialmente em sua capacidade e desejo ardente de comunhão com Deus. A outra marca da imagem divina é vista na natureza moral do homem, seu senso de dever e responsabilidade, e na posse de uma consciência: " C.S. Lewis diz: "Primeiro, que os seres humanos, em toda a terra, têm esta idéia curiosa de que devem comportar-se de certa maneira. Segundo, eles na verdade não se comportam deste modo."

6. *O argumento da Escritura*

A Bíblia afirma ser a Palavra inspirada de Deus. Sua exatidão tem sido repetidamente impugnada, mas a pá dos arqueólogos confirma a cada instante a exatidão de alguma passagem posta em dúvida. O Dr. W.F. Albright, reconhecido arqueólogo, escreve: "Nada que tenda a perturbar a fé religiosa do judeu ou do cristão foi descoberto..."

c. Falsos conceitos e teorias erradas sobre Deus

O ensino bíblico sobre Deus é que Ele é o Criador onipotente e onisciente de todas as coisas, é justo e santo e ao mesmo tempo amoroso e misericordioso. Ele é transcendente (acima e distinto da criação enquanto, ao mesmo tempo, é imanente (reside e está envolvido na sua criação). É um Deus pessoal que busca comunhão com seu povo remido; castiga a rebelião absoluta com a morte eterna; recompensa a fé e a obediência com a vida eterna através de seu Filho e mediador Jesus Cristo. Ele é o Ser Supremo, e é também o Pai Celestial. Ele chamou à existência o universo incomensurável, todavia nota a queda do pardal e ouve o choro mais leve. Ele fez as galáxias, mas se rebaixou a manjedoura de Belém. Trememos diante da sua majestade, mas buscamos consolo em seu amor incondicional. Ele habita além da mais remota

galáxia, porém não está mais distante de nós do que o alcance da fé. Este é o Deus dos cristãos.

Existem, entretanto, *vários* pontos de vista sustentados por aqueles que ignoram a doutrina escriturística de Deus, e que tentam provar suas teorias sobre a não existência de Deus, porém, estas teorias são contraditadas pelos fatos. São elas:

1. Ateísmo: O ateu nega a existência de qualquer divindade. Existem dois tipos de ateu: (1) o ateu filosófico que nega a existência de Deus, e (2) o ateu prático que vive como se Deus não existisse.

2. Agnosticismo: O agnóstico não nega a existência de Deus; ele nega a possibilidade do conhecimento de Deus. Atos 17:23, Agnosto Theo (o deus desconhecido). "o deus desconhecido" ateniense era o Deus verdadeiro, superior a todas as divindades menores. O agnosticismo é popular hoje; é um refúgio cômodo para os que se julgam intelectuais, mas não desejam tomar uma posição de fé em relação ao Deus das Escrituras.

3. Materialismo: O materialismo nega a existência do espírito ou de seres espirituais. Não existe vida pós-morte; o "céu" e o "inferno" são apenas estados terrenos de prazer ou sofrimento, sucesso ou fracasso. Segundo o materialista, não existe juízo superior ao nível humano; o pecado é apenas imperfeição.

4. Panteísmo: Esta é a religião do hinduísmo. Deus é simplesmente natureza, é a soma total do sistema universal. O termo vem de theos, significando "deus", e pan, significando "tudo". Sua maior esperança é o nirvana, um estado sem desejos, sem paixões, sem alma.

5. Politeísmo: Esta palavra também deriva de dois termos gregos, poly, que significa "muitos", e theos, que significa "deus", a crença em muitos deuses. Os vizinhos de Israel eram politeístas e com freqüência corrompiam a adoração de Israel. A Bíblia condena fortemente este paganismo com a sua idolatria (Is 44:9-20).

6. Deísmo: O deísta crê num deus transcendente, mas não imanente ou "ausente". O seu Deus fez o universo e o homem, mas deixou que a sua criação sustentasse a si mesma pelas leis naturais. O deísmo nega a natureza pecadora do homem e, portanto, a necessidade de uma expiação ou um redentor. O deísmo rejeita todos os milagres, assim como a inspiração divina da Escritura. Os deístas não são muitos hoje em dia.

7. Dualismo: O dualismo é a doutrina da existência de dois reinos opostos: um do espírito e um da matéria, contrários um ao outro, ou o governo do mundo por dois deuses:

um de maldade e trevas e outro de bondade e luz. Zoroastro, um filósofo persa, foi o primeiro a defender a idéia de dois deuses de igual poder, nenhum dos quais triunfa no final. A Bíblia nos ensina sobre o bem e o mal. Mas Deus e o seu reino irão triunfar sobre Satanás. Os gnósticos e maniqueístas em épocas pós-apostólicas eram dualistas, ensinando que toda matéria era maligna e que só o espírito era bom. "Porque tudo é vosso...; seja o mundo, seja a vida, seja a morte, sejam as coisas presentes, sejam as futuras, tudo é vosso, e vós de Cristo, e Cristo de Deus" (1 Co 3:21-23), e "...não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza, mas em Deus que tudo nos proporciona ricamente para nosso aprazimento..." (1 Tm 6:17). Existe um outro dualismo que ensina que toda aflição, calamidade, adversidade, pobreza e perturbação são enviadas diretamente por Satanás. A adversidade só é maligna quando permitimos que Satanás nos derrote com ela. Por outro lado, há vitória em Cristo através de todas as experiências da vida. Paulo, escrevendo a igreja de Corinto, disse: "Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a natureza da tribulação que nos sobreveio na Ásia, porquanto foi acima das nossas forças, a ponto de desesperarmos até da própria vida. Contudo, já em nós mesmos tivemos a sentença de morte, para que não confiemos em nós e, sim, no Deus que ressuscita os mortos, o qual nos livrou e livrará de tão grande morte, em quem temos esperado que ainda continuara a livrar-nos..." (2 Co 1:8-10)

D) A NATUREZA DE DEUS

Sua natureza e seu ser ultrapassam nossa compreensão, todavia Deus nos revelou o necessário de sua natureza essencial para podermos servi-lo e adorá-lo. A Bíblia não nos dá uma definição única e abrangente de Deus; como pode uma frase ou parágrafo de palavras humanas definir o seu ser? "Deus é um Espírito, Infinito, Eterno, e Imutável em seu Ser, Sabedoria, Poder, Santidade, Justiça, Bondade e Verdade" (Catecismo de Westminster). "Deus é espírito" (Jo 4:24), "Deus é luz" (1 Jo 1:5), "Deus é amor" (1 Jo 4:8) e "Deus é fogo consumidor" (Hb 12:29). Deus não só existe, mas ele é vivo, possui vida, ou melhor, ele é a própria vida (João 5:26). Pois foi dele, nele, por ele e para ele que emanam tudo e todos os seres criados, animados e inanimados.

Abaixo enfocaremos quatro aspectos da natureza divina.

a. Deus é Espírito

1. Declaração bíblica positiva

Ele não pode ficar limitado a um corpo físico, nem às dimensões de espaço e tempo. Ele é um Deus invisível e eterno: (Jo 1:18); (Mt 28:20); (Mt 18:20); (Hb13:5) e (Jo 3:5).

2. Declaração negativa - não corpóreo, não localizado

Dois problemas: Primeiro: algumas passagens bíblicas representam Deus como tendo olhos, ouvidos, ou um braço, *antropomorfismo* (que significa *semelhante ao homem*). "A quem pois me comparareis, para que eu lhe seja igual? diz o Santo. Levantai ao alto os vossos olhos e vede. Quem criou estas coisas? Aquele que faz sair o seu exército de estrelas, todas bem contadas, as quais ele chama pelos seus nomes; por ser ele grande em força e forte em poder, nem uma só vem a faltar. Por que, pois, dizes, ó Jacó, e falas, ó Israel: O meu caminho está encoberto ao Senhor, e o meu direito passa despercebido ao meu Deus? Não sabes, não ouviste que o eterno Deus, o Senhor, o Criador dos fins da terra, nem se cansa nem se fatiga? Não se pode esquadrihar o seu entendimento" (Is 40:25-28). O Espírito Eterno não precisa de olhos para ver a nossa necessidade, nem se fatiga em sua atividade redentora.

O segundo: Deus é algumas vezes representado como aparecendo em forma humana. Embora Deus seja em essência Espírito, Ele, que fez todos os seres e coisas, pode, para seus sábios fins, assumir qualquer forma adequada a seus propósitos, como o fez para Abraão (Gn 17, 18, 19). Essas aparições são chamadas de *teofanias* (Manifestação de Deus em algum lugar, acontecimento ou pessoa).

b. Deus é Perfeito

"Portanto, sede vós perfeitos como perfeito é o vosso Pai celeste" (Mt 5:48). É quase impossível pensar no Criador, que é ao mesmo tempo justo e amoroso, santo e misericordioso, juiz eterno e pai do Senhor Jesus Cristo, como sendo outra coisa

além de perfeito. Deus é em sua totalidade perfeito, sendo perfeito também em suas obras.

c. Deus é Pessoal

Um ser pessoal é alguém que tem consciência de si mesmo, que possui intelecto, sentimentos e vontade. O Deus das Sagradas Escrituras é um Deus *pessoal*, transcendente, que se mantém à parte do universo como seu Criador; é um Deus imanente que habita dentro da sua criação, preservando-a e cuidando dela como um Pai Celestial. A personalidade de Deus é revelada em seu trato com Moisés: "Disse Deus a Moisés: EU SOU O QUE SOU. (Êx 3:14). Deus Todo-Poderoso (*El Shaddai*), o Senhor (*Jeová*), não lhes fui conhecido." O termo hebraico *Jeová*, ou *Iavé*, é derivado do verbo "ser". "EU SOU O QUE SOU". Deus *Jeová* é aquele que foi, que é e que será eternamente.

"Porque assim como o Pai tem a *vida* em si *mesmo*, também concedeu ao Filho ter *vida* em si *mesmo*..." (Jo 5:26). Desde que o homem como criatura de Deus tem intelecto, emoções e vontade, ele é capaz de contemplar inteligentemente a Deus e a seu universo como pessoa racional; porém isto não o torna superior a Deus em capacidades. Deus possui uma personalidade divina muito superior a suas criaturas, porém, ele fez o homem para ter comunhão com Ele e para adorá-lo, certamente deve ter-lhe concedido características semelhantes às de sua natureza quando o fez à sua própria imagem.

d. Deus é Único

A Lei de Deus, dada no Sinai, começa com a declaração: "Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o *único* Senhor" (Dt 6:4). Nada é mais condenado na Escritura do que a adoração de inúmeros outros deuses. (Dt 6:14). Quando Acabe, rei de Israel, abriu as portas para a adoração de Baal, um deus natural falso, Elias desafiou espetacularmente os sacerdotes de Baal e Astarote para competir com *Jeová*, o Deus Vivo (1Rs 18:21-40), (1 Rs 18:37) e (1 Rs 18:39). "Assim diz o Senhor, Rei de Israel... o Senhor dos Exércitos: Eu sou o primeiro, e eu sou o último, e além de mim não há Deus" (Is 44:6) e (Jo 17:3).

Costumava-se ensinar amplamente que a religião evoluiu de um animismo e politeísmo (muitos deuses) naturais para o monoteísmo (um Deus). Evidências arqueológicas mais recentes, juntamente com a descoberta de missionários modernos, indicam que o homem era originalmente monoteísta

E) OS NOMES DE DEUS

Os nomes de Deus constituem uma dificuldade para o intelecto humano, pois Deus é o Incompreensível, infinitamente exaltado acima de tudo que é temporal; mas em seu nome ele desce a tudo que é finito, e se assemelha ao homem. Por um lado não podemos lhe dar nome, e por outro lado ele tem muitos nome. No entanto devemos ter em mente que estes nomes não são inventados pelo homem, porém, foram dados por Deus com a certeza de que contêm, em certa medida, uma revelação do Ser divino. O dicionário de Webster define "nome" como "aquilo pelo qual a pessoa ou coisa é conhecida". Os hebreus consideravam os nomes como uma revelação, encerrando algum atributo ou característica da pessoa nomeada. As Escrituras contêm vários nomes para Deus, pois nem um só nome nem uma multiplicidade de nomes podem revelar todos os seus atributos.

a. Elohim (pl.); Eloah (sing.)

O nome *Elohim* é a primeira palavra usada na Escritura para designar "Deus". (Gn 1:1). Este nome é empregado cerca de 2.500 vezes no Antigo Testamento. A raiz de seu significado é provavelmente "o forte e poderoso". O nome *Elohim*, como a palavra "Deus", em português, pode referir-se ao Deus verdadeiro ou a qualquer objeto de adoração, *ou* até mesmo a dignitários humanos. O emprego da forma plural para Deus (*Elohim*), com o artigo no singular, necessita de alguma explicação. Para os estudiosos mais conservadores, ela dá uma clara indicação da Trindade na Unidade. No primeiro capítulo de Gênesis é descoberta a necessidade de um termo que transmita tanto a unidade do Deus único como também permita a pluralidade de pessoas. Mais provável é o ponto de vista de que *elohim* venha de *eloah* como uma evolução singular das Escrituras hebraicas e apresente principalmente a pluralidade de pessoas na Trindade da divindade.

1. *El* - significando "Deus, Deus poderoso, força" (Dt 32:4)

Pode ter vários significados, mas na Bíblia refere-se geralmente ao Deus verdadeiro de Israel. Não aparece com frequência isolado, mas quase sempre em *composição* com outros termos como: *El Elyon, El Shadai*, etc. Também ocorre em nomes comuns.

2. *El Elyon* (Dt 32:8) - o Altíssimo

"Melquisedeque, rei de Salém, trouxe pão e vinho; era sacerdote do Deus Altíssimo (*El Elyon*); (Gn 14:18-20).

3. *El Olam* - o Deus Eterno

Não é só a duração eterna de Deus, mas também a sua fidelidade eterna.

4. *El Shaddai* - o Deus Todo-Poderoso

A forma composta, *El Shaddai*, é encontrada sete vezes; a palavra isolada *Shaddai*, significando "o Todo-Poderoso", é mencionada 41 vezes, 31 vezes apenas em Jó.

b. Adonai (pl.); Adon (sing.) - Senhor, senhor, mestre, dono, governante

A palavra *Adonai* é usada no Antigo Testamento quase do mesmo modo que *kurios* (κύριος) é empregada no Novo Testamento grego, e quase no mesmo sentido em que usamos "senhor". O crente deve lembrar que, ao chamarmos Jesus de "Senhor", estamos reconhecendo que é nosso mestre; chamar Jesus de Senhor e não obedecê-lo é uma contradição entre linguagem e conduta.

c. Jeová

Jeová é o nome pessoal de Deus em sua relação como Redentor. *Jeová* é o nome para o Senhor Deus que ocorre com mais frequência no Antigo Testamento (5.321 vezes). A forma hebraica verdadeira da palavra era *YHWH*. Não sabemos realmente como os hebreus pronunciavam o nome (provavelmente *Yahweh (Iavé)*), a transliteração grega de *iaoue*, e ocorre em sua maior parte nos Salmos.

Jeová é o nome da aliança de Deus, expressando uma relação *pessoal* (Êx 19:3-6).

Temos também alguns nomes compostos de Jeová:

1. Jeová-Elohim

Este nome identifica *Jeová* com a criação de todas as coisas.

2. Jeová-Jireh

O Senhor Proverá (*Jeová-Jireh*).

3. Jeová-Rafa

Eu sou o Senhor que te sara, a promessa é porém condicional à obediência.

4. Jeová-Nissi

"O Senhor é minha bandeira..." (Êx 17:15); (Êx 17:8-15). "E o seu estandarte sobre mim é o amor" (Ct 2:4).

5. Jeová-Shalom

O Senhor é paz (*Jeová-Shalom*) (Jz 6:24). Significa mais que libertação do conflito, representa prosperidade, saúde, bem-estar e fé em face da aflição.

6. Jeová-Raah

"O Senhor é o meu pastor, nada me faltará" (Sl 23:1); (Jo 10:11).

7. Jeová-Tsidkenu

Senhor, justiça nossa

8. Jeová-Sabaoth

"Quem é esse Rei da Glória? O Senhor dos Exércitos (*Jeová-Sabaoth*), ele é o Rei da Glória" (Sl 24:10). (Veja 1 Sm 1:3.) Eliseu descobriu que o Senhor dos Exércitos rodeava seu povo por ocasião dos ataques do inimigo (2 Rs 6:13-17).

9. Jeová-Shammah

O Senhor está *ali*. O Senhor é o meu auxílio, não temerei..." (Hb 13:5,6). (Is 40:25-28).

d. Ha Tsur- "A Rocha"

O nome metafórico para *Jeová*, *Ha Tsur*, é encontrado cinco vezes em Deuteronômio 32. (Dt 32:4). O termo enfatiza a imutabilidade de Deus, a Rocha Eterna.

e. Nomes de Deus no Novo Testamento

1. Theos

A palavra grega *theos*, como *elohim*, pode significar "Deus" ou "deuses". Trata-se do termo comum para "Deus" no Novo Testamento.

2. Kurios

Kurios; Theos; Pater: (Fp 2:11). *Kurios* é como *Adonai* no Antigo Testamento.

3. Pater

Pai (*Pater*). *Abba* era o termo aramaico para "pai".

F) OS ATRIBUTOS DE DEUS

Não é fácil classificar os atributos de Deus. Existem claramente duas categorias gerais: A classe que só pertence a Deus chamaremos de atributos incomunicáveis ou absolutos (aqueles atributos que Deus não compartilha conosco ou não nos "comunica"). E aqueles que podem ser compartilhados conosco chamaremos de atributos comunicáveis ou morais (aqueles que Deus partilha conosco ou nos comunica).

a. Atributos incomunicáveis ou absolutos

1. Auto existência

Deus é auto existente, isto é, ele tem em si mesmo a base de sua existência, e é a fonte absoluta de toda vida e ser. Ele é o eterno Deus vivente, criador de todos os seres e de todas as coisas que existem. Ele criou todas as coisas, sem contudo ser criado por ninguém. Ele não somente é independente como também faz tudo depender dele. (João 5:26; Salmo 94:8; Isaías 40:18; Atos 7:25)

2. *Imutabilidade*

"Porque eu, o Senhor, não mudo..." (M13:6) e (Tg 1:17).

A imutabilidade de Deus é a perfeição pela qual não há mudança nele, não somente em seu ser, mas também em suas perfeições, em seus propósitos e em suas promessas, por isso, ele é exaltado acima de tudo quanto existe, e é imune a todo acréscimo ou diminuição e de todo desenvolvimento ou decadência em seu ser e perfeições. O homem muda diariamente. Paulo, talvez mais que qualquer outro, expressa o amor imutável de Cristo: "Porque eu estou bem certo de que nem morte, nem vida, nem anjos, nem principados, nem coisas do presente, nem do porvir, nem poderes, nem altura, nem profundidade, nem qualquer outra criatura poderá separar-nos do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor" (Rm 8:38-39).

3. *Eternidade*

"Assim, ao Rei *eterno*, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém" (1 Tm 1:17).

Ele está acima do tempo. Sua existência, para expressá-la de uma perspectiva humana, é da eternidade passada à eternidade futura. A nossa existência é assinalada por dias, semanas, meses e anos, não é assim a existência de Deus; nossa vida é dividida em passado presente e futuro, mas não existe esta divisão para Deus, pois ele é o eterno "Eu Sou".

4. *Onipresença*

(Jr 23:23-24). Salomão estava consciente da imensidade e onipresença de Deus quando orou: "Eis que os céus, e até o céu dos céus, não te podem conter, quanto menos esta casa que eu edifiquei" (1 Rs 8:27b). Deus está em todo lugar, mas não em todos os pontos no mesmo sentido. Ele não está *dentro* de tudo (isso é panteísmo), mas está presente em todo lugar. A presença de Deus está na sua igreja, de maneira especial mediante a obra do Espírito Santo.

5. *Onisciência*

Dois aspectos da total sabedoria de Deus são enfatizados nas Escrituras. Primeiro, nada acontece em parte alguma que Ele não saiba. Todas as coisas são presentes para Ele. Segundo, Deus é também todo sábio em seus planos e propósitos. Ele planejou a redenção do seu povo, a edificação da sua igreja e o triunfo do seu reino.

É encorajador saber que Deus, em sua sabedoria, fez planos que irá executar, não obstante a liberdade de escolha e vontade que permite ao homem exercer.

6. Onipotência

(Jr 32:17). Há algumas coisas que Ele não pode fazer, tais como: mentir, pecar, negar a si mesmo e, em tom de brincadeira, fazer uma rocha tão grande que não possa levantar. Deus não fará o que é contrário à sua natureza, nem o que é uma contradição em termos.

a) A grandeza do poder de Deus e vista nas obras por Ele criadas.

b) O poder de Deus é também manifesto em seu governo soberano sobre tudo. (Dn 4:35). O livro de Daniel é um comentário eloqüente acerca da soberania de Deus sobre os reinos terrenos, representados por animais ou partes de uma imagem. A maneira como Deus tirou o seu povo do Egito, (Gn 18:14).

c) Outra demonstração do poder divino é a igreja de Jesus Cristo. Vinte séculos mais tarde, esta igreja está viva e firme, à beira de um reavivamento mundial.

d) A ressurreição de Jesus dentre os mortos mostra o poder de Deus sobre o reino da *morte* e da sepultura.

e) Deus é soberano sobre os anjos, principados e potestades espíritos demoníacos e o próprio Satanás.

7. Soberania

Dentro do conceito da soberania de Deus, temos que entender que em virtude de sua obra criadora, lhe pertencem os céus, a terra, o mar e tudo o que neles há. Diante da soberania de Deus todos os exércitos dos céus e dos habitantes da terra se submetem (I Cr 29:11-12; Dt 10:14,17). É necessário também darmos um pouco de atenção á antiga

controvérsia sobre a soberania de Deus e o livre arbítrio do homem. As doutrinas da eleição e predestinação se encontram indiscutivelmente na Bíblia. A Bíblia ensina, na verdade, as duas posições. Deus é *soberano, mas* não arbitrário. O homem tem liberdade de escolha e vontade, com certas limitações. Deus pode ser soberano sem violar a liberdade essencial do homem.

Nossa visão da realidade é apenas parcial, no máximo de 180 graus. A verdade divina é um círculo completo, de 360 graus. Como base para reconciliar a predestinação com a liberdade de escolha do homem, o DR. R.A. Torrey escreve: "As ações de Judas e dos demais foram incluídas no plano de Deus e portanto passaram a fazer parte dele. Isso não significa, porém, que tais homens não tivessem plena liberdade de escolha. Não agiram como o fizeram porque Deus sabia que o fariam, mas o fato de que agiram desse modo era a base para que Deus soubesse. A presciência não determina os atos do homem mais que o conhecimento *posterior*. O conhecimento é determinado pelo fato e não o fato pelo conhecimento. Deus sabe desde a eternidade o que cada homem fará, se irá render-se ao Espírito e aceitar Cristo, ou se resistirá ao Espírito e recusará Cristo. Os que o receberam estão destinados à vida eterna. Se alguém se perder é simplesmente porque não quis aceitar Cristo e obter assim a vida (Jo 5:40). Quem quiser pode vir (Ap 22:17), e todos os que vierem serão recebidos (Jo 6:37)."

b. Atributos comunicáveis ou morais

1. A Santidade de Deus (Lv 11:44,45).

O dicionário Webster define a santidade como segue: "Dedicado ao uso religioso; pertencendo ou *vindo* de Deus; consagrado, sagrado; espiritualmente perfeito ou puro; incontaminado pelo mal ou pecado; irrepreensível, santo. Hebraico para "santo" é *quadosh*. "Atribuído a todas as coisas que de qualquer forma pertençam a Deus, ou à sua adoração; sagrado; livre de contaminação ou vício, idolatria e outras coisas impuras e profanas."

A palavra grega é *hagios*, "Dedicado a Deus, santo, sagrado; reservado para Deus e seu servi-lo; puro, perfeito, digno de Deus, consagrado." A idéia básica de santidade, é de

separação e exaltação, perfeição absoluta de caráter. (Is 6:1-5).

As Escrituras mencionam com maior frequência a santidade de Deus do que a sua onipotência, onisciência e onipresença combinadas. As Escrituras estabelecem a santidade de Deus muito antes de descreverem o seu amor. Êxodo, Levítico, Números descrevem repetidamente o Deus de santidade. Só quando chegamos a Deuteronômio 4:37 é que encontramos uma declaração manifesta do seu amor, e isto se encontra em um contexto de santidade que inspira reverência.

Quando aplicado a homens ou coisas, o sentido principal de santidade é dedicação e consagração, a qualidade de ser separado para Deus. Qualquer coisa que pertença somente a Deus é santa, como o seu templo com seus utensílios e mobília. Santo era o povo de Deus. (Rm 1:7).

Mais tarde, santidade também significou separação de toda impureza e de toda forma de idolatria. Nos dias do Novo Testamento, a ênfase mudou mais para a pureza da vida interior e a separação do mundo. Através da sua vida cristã, o crente está sendo santificado através da Palavra e do Espírito Santo, porque é propósito de *Cristo* apresentar-nos a Ele e ao Pai em santidade irrepreensível.

2. A Justiça de Deus (*Retidão*)

A *retidão* e a *justiça* de Deus estão relacionadas com a sua santidade; a retidão de Deus é sua santidade em ação. A palavra hebraica para "reto" é *tsedek*: "Retidão, correção, integridade, justiça de um juiz, de um rei, de Deus, demonstrada em castigar o perverso, ou em vingar, livrar, recompensar o justo." O termo grego para "reto" é "*dikaiois*", com a seguinte definição:

1. de Deus - justo, reto, com referência ao seu juízo dos homens e das nações, como um juiz justo;
2. dos homens - "direito, justo, reto, conforme as leis de Deus e dos homens, vivendo de acordo com elas.

Deus é um Deus reto, porque age sempre em absoluta conformidade com sua santa natureza e vontade. (Dt 32:4). A retidão de Deus é imutável; Ele é uma rocha. Deus é referido como rocha cinco vezes no *capítulo* 32 de Deuteronômio. Nosso Deus lida conosco

em justiça; devemos tratar uns aos outros com retidão. Através da boca de Isaías, Deus advertiu Israel: "... tirai a maldade de vossos atos de diante dos meus olhos...aprendei a fazer o bem; atendei à justiça (mishpat), repreendei ao opressor, defendei (retamente) o direito do órfão pleiteai a causa das viúvas. Vinde, pois, arrazoemos, diz o Senhor..." (Is.1:16-18).

No Novo Testamento as palavras "retidão" e "justiça são traduções do mesmo termo grego (Rm.3:21-26). Nosso Deus reto e santo é também um Deus de misericórdia e clemência, mas Ele não agirá de forma contraditória com a sua santidade.

3. A Bondade de Deus (*amor, misericórdia, graça e longanimidade*)

Não podemos confundir a bondade de Deus com sua benevolência, que é um conceito mais restrito. Ele é a fonte de todo bem (Sl 36:9). E dentre a bondade de Deus que está num conceito mais genérico, podemos ressaltar que, quando a bondade de Deus é exercida para com as suas criaturas racionais, assume o caráter mais elevado de amor.

"Aquele que não ama, não conhece a Deus, pois *Deus é amor...*" (I Jo4:8-11,16)

A palavra hebraica para "amor" é *ahab*, podendo expressar tanto o amor divino como o amor carnal do homem. O Novo Testamento contém várias palavras gregas para amor, mas quando faz referência ao *amor* de Deus, o termo usado é sempre *ágape*. O Léxico define *ágape* e o verbo *agapao* como segue: "Amar, valorizar, estimar, sentir ou manifestar interesse generoso por, ser fiel em relação a, comprazer-se em, dar valor a; portanto - amor, generosidade, interesse bondoso, dedicação." O substantivo *ágape* é raramente encontrado no grego clássico. Trata-se de uma das palavras que recebeu um novo significado cristão no *Novo Testamento*. O apóstolo João nos faz as duas maiores declarações sobre o amor de Deus: (Jo 3:16) e (1 Jo 4:8). São as seguintes as provas do amor de Deus pelo crente:

- a) assegurar nossa salvação e vida eterna (Jo 3:16);
- b) desejar e prover todas as coisas que nos são necessárias (Rm 8:32; Tg 1:17; Fp 4:19);
- c) enviar o Consolador, o Espírito Santo (Jo 14:15,16; 16:7);
- d) colocar-nos no seu Corpo (Ef 5:25-27);

- e) tornar-nos filhos de Deus (1 Jo 3:1,2);
- f) prover meios para a saúde do corpo (Tg 5:14-16; Mt 8:16,17);
- g) prover meios para uma vida cristã vitoriosa (Rm 8:35-39).

4. A Verdade de Deus (Dt 32:4)

Na esperança da vida eterna que o Deus que não pode mentir prometeu, antes dos tempos eternos..." (Tt 1:2). "E o Verbo se fez ca me, e habitou entre nós, cheio de graça e de *verdade*" (Jo 1:14). "...Eu sou o caminho, e a *verdade*, e a vida" (Jo 14:6). "... Seja Deus *verdadeiro*, e mentiroso todo homem..." (Rm 3:4). A verdade de Deus faz parte de sua natureza santa e poderia ser considerada sob o título de santidade e justiça; mas por razões práticas vamos tratá-la em separado, como um atributo distinto. Tais aplicações que nos dão segurança podem ser feitas em vista do fato de Deus ser Verdade:

- a) Porque Deus é verdade, sua Palavra é verdade.
- b) Deus é verdade por ser o único Deus verdadeiro. Toda idolatria é, portanto, mentira e engano.

5. A Fidelidade de Deus

Ele é *fiel* em manter todas as suas promessas e alianças. Todas as suas promessas serão cumpridas, porque:

- (1) Deus, por natureza, não irá prometer o que não pretende cumprir e;
- (2) Ele é capaz de fazer o que promete. Devemos compreender no entanto que muitas promessas são condicionais a certa obediência de nossa parte.

Muitas vezes parece-nos que Deus é infiel em suas promessas devido à demora (segundo o tempo humano) para cumpri-la, no entanto ele sempre cumpre o que prometeu no tempo determinado por ele, que sempre é e será o melhor tempo para nós. A suma sobre a fidelidade de Deus é que ele sempre cumpre fielmente o que prometeu (2 Pe 1:4, 3:4; 1 Reis 8:56)

G) AS OBRAS DE DEUS

a. Propósito divino: (Is 14:26,27) e (Ef 1:11).

Parece claro pelo ensino da Escritura que todos os eventos das nações e indivíduos são conhecidos por Deus desde o início, sendo levados em conta em seu plano e propósito. Isto não significa que Deus produz e é responsável por todos os atos e eventos, mas que eles fazem parte do seu propósito no sentido de operar todas as coisas para a sua glória suprema: (Is 46:10,11). O propósito predominante de Deus nos assuntos da humanidade é expresso por Paulo em seu sermão aos atenienses: "...Pois ele (Deus) mesmo é quem a todos dá vida, respiração e tudo mais; de um só fez toda a raça humana para habitar sobre toda a face da terra, havendo fixado os tempos *previamente estabelecidos* e os limites da sua habitação..." (At 17:25,26) e (v.31).

O grande milagre da profecia bíblica demonstra duas coisas:

(1) que Deus é onisciente e conhece todas as coisas desde o princípio,

(2) que Ele tem um plano e propósito, o qual, em seu poder e sabedoria, executará para a sua glória e para a redenção do seu povo.

Deusa fez do homem um agente moral livre, capaz de obediência ou desobediência. José que foi vendido cruelmente ao Egito por seus irmãos, demonstra a operação *do* propósito divino: "Vós, na verdade, intentastes o mal contra mim; porém Deus o tornou em bem..." (Gn 50:20). Esta predestinação baseia-se na presciência de Deus, "...eleitos, segundo a presciência de Deus Pai..." (1 Pe 1:2). J. Sidlow Baxter, escreve: "Segundo a sua perfeita presciência, Ele pré-adapta, pré-arranja e predetermina. Assim sendo, embora jamais deixe seus propósitos finais à mercê da insegurança humana, ... Ele reconhece sempre o livre-arbítrio do homem e predetermina segundo o seu conhecimento antecipado do que o homem irá fazer."

b. Criação (Gn 1:1); (Hb 11:3), e (Jo 1:3).

O universo físico como o conhecemos passou a existir pela palavra da boca de Deus. O Dr. A.H. Strong define a criação como segue: "O ato livre do Deus trino pelo qual no princípio e para sua própria *glória* Ele fez, sem uso de material preexistente, o universo inteiro visível e invisível."

Muitos homens reverentes da ciência admitiram que não existe um conflito básico entre a narrativa de Gênesis sobre a criação e os fatos conhecidos da ciência. Muitos cientistas

materialistas modernos começam com a hipótese de que todos os fenômenos podem ser eventualmente explicados pelas leis da matéria e movimento. Essa é sua “fé”. Acreditamos que um número maior de fatos apoia nosso ponto de vista do que uma hipótese materialista evolucionária.

O que existia antes do Gênesis 1:1? Deus Pai, Filho e Espírito Santo já existia, já que os três atuaram na criação. O resultado da criação, em análise final, será uma multidão remida, que homem algum pode contar, adorando, servindo e glorificando a Deus eternamente.

c. Providência (Mt 5:45; At 14:17; Sl 37:1-3; Sl 105)

Junto com a providência está a preservação da sua criação, que pode ser considerada como um aspecto de sua providência. Thissen diz sobre a providência: “O ponto de vista cristão afirma que Deus não criou simplesmente o universo com todas as suas propriedades e poderes, e que está preservando tudo que criou, mas que, como um ser santo, benevolente, sábio e onipotente, também exerce controle soberano sobre o mesmo. Este controle soberano é chamado de providência.”

As escrituras em toda parte confirmam a operação contínua de uma providência e preservação divina.

Vamos examinar a Palavra de Deus para ver as áreas de seu cuidado providencial.

1. Governa o Universo Físico – Sl 103:19; Sl 104:14

O fato de a natureza nem sempre distribuir seus benefícios de acordo com a conveniência de cada homem faz parte da maldição sobre a terra que acompanhou a queda do homem (Gn.3:17-19). Mas até uma terra debaixo da maldição expõe o desígnio e o cuidado de Deus para aqueles que não estão cegos pela incredulidade.

2. Cuida da criação animal – Mt.6:26a; Sl. 104:21

Os animais receberam instintos de Deus que os capacitam por natureza a cuidar de si mesmos, mas eles também, como o homem dependem do Criador e Sustentador da terra para prover chuva, vegetação oxigênio e um clima estável.

3. Governa providencialmente as nações – Sl 22: 28; Sl 66:7

Os poderes mundiais estão sujeitos ao propósito divino e seguem a palavra profética. A menção de Ciro, por Isaías, um século antes de ele ter entrado no cenário da história para dar andamento ao plano de Deus para Israel, prova que Deus prevê e ordena o drama humano. Mesmo assim, o livre-arbítrio de Ciro não foi violado (Isaías 44:28; 45:1-4 e Ez. 1: 16).

4. Cuida do nosso nascimento e posição na vida – Jr 1: 5; Sl 139:14-16

A providência do Senhor não abrange apenas nossas ocupações e decisões mais importantes da vida, mas até mesmo os menores detalhes como os “cabelos de sua cabeça” e o “seu pão diário”.

5. Interessa-se por nossos êxitos e fracassos – Lc 1:52; Sl 75:6,7

Talvez devêssemos nos preocupar menos com o prestígio relativo das posições; na sua sabedoria, Deus sabe onde devemos estar. A promoção vem do Senhor (Sl 75:6,7).

6. Fornece proteção para os justos – Sl 4:8; Rm 8:28

7. Supre as necessidades e desejos de seu povo – I Tm 6:17; Fp. 4:19

8. Provê as respostas às nossas orações – Mt. 6: 33

9. Determina a recompensa dos justos e o castigo dos ímpios – Sl 73:24; Sl 1:6

H) A TRINDADE DE DEUS

A doutrina da trindade de Deus é o maior de todos os mistérios divinos, por isso sempre enfrentou dificuldades e, portanto, não é de admirar que a igreja, em seus esforços para formulá-la, tenha sido repetidamente tentada a racionalizá-la e dar-lhe uma construção que deixava de fazer justiça aos dados da Escritura. Estudamos, porém, a doutrina por ser a pedra central da revelação divina. Para a mente humana finita, a unidade e a trindade de Deus são contradições embora ambas as doutrinas sejam claramente ensinadas através de todo Novo Testamento. A trindade de Deus é, de fato, a pedra angular da fé cristã. Os que negaram a trindade também negaram a divindade de Cristo, o nascimento virginal, a expiação substitutiva, a personalidade do Espírito Santo; ou fizeram de Deus um

ator de teatro usando três máscaras diferentes. O apóstolo Paulo disse: “Atendei por vós e por todo rebanho sobre o qual o Espírito Santo vos constituiu bispos, para pastoreardes a igreja de Deus, a qual Ele comprou com seu próprio sangue.” At 20: 28-31a

No século II, dois grupos separatistas negaram a doutrina da trindade; um deles veio a ser chamado de Monarquianismo, o outro de Sabelianismo. O primeiro negava a divindade de Cristo e a personalidade do Espírito Santo; o Segundo negava as identidades separadas das três pessoas, declarando que Jesus e o Espírito Santo eram apenas diferentes modalidades de uma única pessoa, ou aspectos diferentes de sua manifestação. Ambos os grupos, racionando de modo humano, julgavam estar protegendo, a unidade de Deus. Temos hoje ramificações dessas heresias no Unitarismo e nas doutrinas “Só Jesus” e “Unicismo”.

No início do século IV a igreja incumbiu-se de reunir um conselho de dirigentes e pastores para formular as doutrinas apostólicas que seguiam. O primeiro concílio reuniu-se em Nicéia, em 325 AD., onde Atanásio prevaleceu contra Ário e a divindade de Cristo foi confirmada. A controvérsia continuou e novos concílios foram realizados: em Calcedônia, em 351 AD.; e em Constantinopla, em 381 AD. Neste último concílio, as doutrinas da divindade de Cristo e da Trindade foram mantidas e formuladas no que chamamos de Credo Niceno: “Cremos em um só Deus – Em um só Senhor Jesus Cristo, Filho de Deus, gerado pelo Pai, luz de luzes, Deus verdadeiro de Deus, gerado e não feito, sendo de uma substância com o Pai. E cremos no Espírito Santo, que é o Senhor e doador da vida, que procede do Pai, que, com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado, que falou pelos profetas.”

O mais conhecido dos credos da reforma é a Confissão de Westminster, que diz o seguinte: “Só existe um Deus vivo e verdadeiro. Na unidade da divindade há três pessoas, de uma só substância, poder e eternidade - Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo. O Pai é um, nem gerado nem precedente; o Filho é eternamente gerado pelo Pai; o Espírito Santo procede eternamente do Pai e do Filho.”

Os compiladores tentaram incluir tudo o que a Escritura ensina sobre as três pessoas da trindade, sem qualquer esforço para mostrar como Deus pode ser tanto um como Três ao mesmo tempo.

Podemos então afirmar que não se trata de três deuses independentes, mas são três pessoas, mas um só Deus. Os três cooperam unidos e num mesmo propósito, de maneira que, no pleno sentido da palavra, são um. O Pai cria, o Filho redime, e o espírito Santo santifica. No entanto em cada uma dessas operações, os três estão presentes. É uma unidade divina composta de três pessoas distintas e divinas que são: Deus Pai, Deus Filho e Deus Espírito Santo.

a. Como as escrituras apresentam a trindade

1. No Antigo Testamento (Jeová ou Javé)

O Antigo Testamento nos dá indícios da natureza trina de Deus, mas eles são claros apenas à luz da revelação mais completa do Novo Testamento em Cristo.

a) No Antigo Testamento existem nomes plurais para Deus, que são usados para referir-se a Ele. Os nomes Elohn e Adonai são plurais. A pluralidade do nome é justificada por alguns como "um plural de majestade"; mas em Gênesis 1:26 lemos: "...*façamos o homem à nossa imagem...*" (pronomes plurais). Plurais são também encontrados em Gênesis 3:22 e 11:7. Em Isaías 6:8 Deus disse **nós**.

b) O Anjo de Jeová é chamado Deus - aparição ou "teofania". O Senhor parece a Abraão como "três homens" 'todavia Abraão se dirige a eles como Senhor no singular. Para Ló em Sodoma, e ele o chama de Jeová. Em Gênesis 22:1-9 o Anjo do Senhor fala do céu com Abraão, livrando seu filho Isaque da morte. O Anjo do Senhor apareceu a Moisés na sarça ardente, prometendo que os livraria do Egito; durante a conversa os termos "Anjo" e "Jeová" são usados intercambiavelmente.

c) Jesus é o profeta semelhante a Moisés.

d) Jesus é o príncipe do exército do Senhor. Josué 5: 13 e 6:2, um homem com a espada desembainhada na mão apareceu a Josué dizendo "Príncipe do exército de Jeová". "Então disse o Senhor a Josué"

e) Referências nos Salmos aplicadas a Jesus. Sl.110:1, aplicada por Cristo a si mesmo em Marcos 12:35-37. "Tu és meu Filho, eu hoje te gerei" Sl 2:7.

Em Atos 13:33, Paulo aplica esta passagem a Jesus. "O teu trono, ó Deus, é para todo sempre" Sl 45:6. O escritor de Hebreus associa isto a Jesus em 1:8.

f) Jesus é o Messias.

2. No Novo Testamento

Depois da ressurreição de Jesus e da descida do Espírito Santo no Dia do Pentecostes, a doutrina da trindade *tomou-se* clara como água para a igreja do Novo Testamento (Jo 14:26). Quando os apóstolos começaram a pregar o evangelho e a escrever epístolas, não vacilaram em declarar que Jesus era Deus e que o Espírito Santo era Deus.

São as seguintes as *provas* da trindade no Novo Testamento:

a) As três Pessoas estão em evidência ao mesmo tempo no batismo de Jesus. (Mt 3:26,17). Os que afirmam que, neste ponto, os três são apenas modalidades ou disfarces de uma só *Pessoa* transformam Jesus em um mágico que tira pombas do ar e em um ventríloquo que projeta sua voz nas nuvens. A Escritura não nos dá uma ilusão, mas sim uma demonstração clara da trindade divina.

b) No capítulo 14 de João temos uma prova nítida das três Pessoas distintas da trindade. Primeiro "Quem vê a mim, vê o Pai", no entanto eles possuem identidades separadas, pois Jesus diz aos discípulos em Jo. 14:16,26. Jesus fala do Pai como "Ele", do Espírito Santo como "Ele", e de si mesmo como "Eu". A trindade está além de nossa compreensão, sendo entretanto um ensino indiscutível da Escritura.

c) A fórmula batismal, dada por Jesus na Grande Comissão, revela claramente a trindade unidade de Deus: "... batizando-os em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo..." (Mt. 28:19)

d) A bênção apostólica em 2 Coríntios 13:13 mostra em forma capsular o pensamento trinitariano da primeira igreja: "A graça do Senhor Jesus Cristo, e o amor de Deus, e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos vós." Temos uma declaração trinitariana similar em Judas 20b,21.

I) AS PESSOAS DA TRINDADE

a - Deus Pai ou a primeira pessoa da Trindade

Este nome da primeira pessoa da trindade “Pai”, nem sempre é empregado com relação a Deus no mesmo sentido, como veremos na Escritura:

- 1) Nome dado a Deus como origem de todas as coisas (1 Cor 8:6; Ef 3:15; Hb 12:9)
- 2) Atribuído também ao Deus triúno para expressar sua relação teocrática com Israel (Dt 32:6; Is 63:16, 64:8)
- 3) Nos escritos do Novo Testamento, é designado ao Deus triúno para designá-lo como pai de todos os seus filhos espirituais (Mt 5:45; 6:6-15; Rm 8:16)
- 4) O nome também é aplicado, de uma forma muito particular, à primeira pessoa da trindade em sua relação com a segunda pessoa, onde a primeira pessoa é o Pai da segunda, num sentido metafísico, sendo esta a paternidade originária de Deus (Jo 1:14,18; 5:17-26; 8:54; 14:12-13. Mas antes que houvesse universo, na trindade de Deus havia amor, comunicação e propósito. Os três são porém *um* em natureza, vontade e propósito.

b. Deus Filho ou a segunda pessoa da Trindade

A segunda pessoa da trindade é chamada “Filho” ou “Filho de Deus”, e somente porque ele era o Filho de Deus essencial e eterno, que podia ser chamado Filho de Deus como Messias. Além disso sua filiação e a messianidade refletem a filiação eterna de Cristo.

1. *Seu nascimento virginal (Mt 1:20b-25)*

a) Genealogia de José (Mt 1:16)

“Da qual” em grego, *ex hes*, é singular, gênero feminino, fazendo com que o nascimento seja "por Maria" apenas, embora a genealogia seja de José. Que as Escrituras ensinam o nascimento virginal é inegável.

b) O *Catecismo de Westminster* define: "Cristo, o Filho de Deus, tornou-se

homem, tomando um corpo verdadeiro e uma alma racional, sendo concebido no poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria, e nascido dela sem pecado."

c) O Antigo Testamento contém uma revelação progressiva do nascimento sobrenatural e virginal de Jesus:

(1) Gênesis 3:15 "semente de mulher"

(2) Deus prometeu a Abraão abençoar a sua "semente", e através dela abençoar todas as nações. (Gn.22:15-18) (Gl.3:16)

(3) "Um rebento do tronco de Jessé (Davi) e das suas raízes um renovo. (Is.11:1,2)

(4) Isaías "Deus Forte e Pai da Eternidade" (Is 9:6,7).

(5) Isaías; (Mt 1:22, 23; Is 7:14).

(6) Antes do *nascimento* de Jesus houve um anúncio angelical do fato. O anjo apareceu primeiro a Zacarias, a seguir um anjo testemunhou a Maria.

d.) A doutrina do nascimento virginal é vitalmente importante para toda a estrutura da teologia fundamental. *Se Jesus tivesse nascido de um pai natural:*

(1) Ele teria herdado a natureza da raça humana.

(2) Ele não teria sido infinito.

(3) Ele teria sido simplesmente um líder religioso dedicado,

(4) Nossa Bíblia não seria então confiável.

(5) Desse modo, por incoerência lógica, teríamos de rejeitar todo aspecto, milagroso do cristianismo.

(6) Ele teria sido, na melhor das hipóteses, apenas um gênio espiritual com um conhecimento religioso invulgar, e não o infinito Cordeiro de Deus que validou todo o sacrifício do Antigo Testamento. Um Cristo de pais completamente humanos não poderia ser o Cordeiro de Deus.

(7) Não poderíamos, portanto, esperar que Jesus voltasse como o Rei com que todos os remidos reinarão. A rejeição da doutrina do nascimento virginal enfraquece praticamente toda a teologia histórica cristã básica.

2. Sua natureza

A *Confissão de Westminster* dá a seguinte definição da natureza ou naturezas e pessoa de Jesus Cristo: "O Filho de Deus, a segunda pessoa da trindade, sendo o verdadeiro e eterno Deus, da mesma substância e igual ao Pai, quando veio a plenitude do tempo tomou sobre si mesmo a natureza humana, com todas as suas propriedades essenciais e fraquezas *comuns*, porém sem pecado: sendo concebido pelo poder do Espírito Santo, no ventre da virgem Maria, de sua substância. Desse modo, as duas naturezas completas, perfeitas e distintas, a divina e a humana, foram unidas inseparavelmente em uma pessoa, sem conversão, composição ou confusão. Tal pessoa é verdadeiro Deus e verdadeiro homem, porém um Cristo, o único mediador entre Deus e o homem..." (Cap. VIII, Sec. 2).

Jesus nasceu e morreu como os homens, mas era o "Ancião de Dias", que disse: "Antes que Abraão existisse, *eu sou*" (Jo 8:58). Jesus disse: "Tenho sede"; mas, também: "Eu sou a água da vida." Jesus disse: "Dá-me de beber"; todavia, na mesma ocasião: "Aquele, porém, que beber da água que eu lhe der, nunca mais terá sede, para sempre" (Jo 4:7-14). Ele foi açoitado; mas os seus açoites nos curaram. Ele disse: "Nada posso fazer de mim mesmo"; no entanto, sem Ele, nada do que foi feito se fez. Outro teve de carregar a sua cruz; mas "sustenta todas as coisas pela palavra do seu poder" (Hb 1:3). Ele cresceu em sabedoria e estatura (Lc 2:52); mas é o mesmo ontem, hoje e para sempre. Ele foi sentenciado à morte por um governador romano; mas era o Rei dos Reis e o Senhor dos Senhores. Ele disse: "Minha alma está angustiada"; porém, era o "Príncipe da Paz". Ele clamou na cruz: "Por que me abandonaste?"; todavia, prometeu a seus seguidores: "De maneira alguma te deixarei, nunca jamais te abandonarei."

a) A natureza humana de Jesus.

Jesus não teve um simples contato com a humanidade. Ele tomou para si uma autêntica natureza humana com todos os atributos humanos, exceto o pecado. Vamos estudar as provas de sua natureza humana:

- (1) Jesus nasceu como uma criança natural na manjedoura de Belém e foi envolto em faixas (Lc 2:7).
- (2) Ele cresceu como uma criança normal (Lc 2:39,40).
- (3) Jesus foi criado em sujeição a seus pais (Lc 2:51,52).

(4) Jesus foi tratado através de duas genealogias humanas, uma de José (Mt 1) e uma de Maria (Lc 3:23-38).

(5) Ele é chamado de "a semente da mulher" (descendente), "a semente de Abraão" e "o Filho de Davi", sendo assim ligado à raça humana.

(6) Jesus foi tentado e provado em todas as áreas como nós somos, porém sem pecado, sua natureza humana estava em perfeita submissão à sua natureza e vontade divinas.

(7) Ele chama a si mesmo de homem; ou é chamado de Filho do homem setenta vezes.

(8) Jesus é nosso Sumo Sacerdote.

(9) Jesus tinha atributos humanos, tais como fome, sede, lágrimas, fadiga, etc.; no final Ele sofreu, derramou seu sangue, morreu e foi *sepultado*.

(10) Mesmo depois da ressurreição, com um corpo glorificado, pode convidar Tomé para tocar suas mãos e seu lado, a fim de sentir suas feridas. A obra posicional tripla de Jesus era a de ser Ele Profeta, Sacerdote e Rei; O Filho de Deus tomou-se o Filho do homem para que os filhos dos homens pudessem tomar-se filhos de Deus.

b) A natureza divina de Jesus; raciocínio humano, a sua humanidade; emotividade, a sua divindade. Vamos observar agora a evidência da sua divindade:

(1) No Antigo Testamento, nomes divinos: "Deus Forte, Pai da Eternidade"; "Emanuel", Deus conosco "Senhor Justiça Nossa (*Jeová Tsidkenu*)"; Davi fala dele como "meu Senhor"

(2) Ele é chamado Deus e Senhor no Novo Testamento: "Senhor meu e Deus meu!"

(3) Ele é chamado de Filho "sem igual" de Deus. "unigênito" (gr., *monogenes*) significa "único, do mesmo tipo exato"

(4) Jesus declara ser um com o Pai: "Eu e o Pai somos um"; "que me vê a mim, vê o Pai"

(5) Jesus tinha preexistência: "Antes que Abraão existisse, *eu sou*" (Jo 8:58); "No princípio era o verbo, e o *Verbo* estava com Deus, Verbo era Deus...E o Verbo se fez carne"

(6) Atributos divinos foram imputados a Jesus:

(a) Onipotência: "Toda autoridade me foi dada no céu e na terra"

(Mt 28:18); (Jo 1:3).

(b) Onisciência: (Jo 2:24,25).

(c) Onipresença: (Mt 28:20)

(d) Eternidade: (Cl 1:17)

(e) Imutabilidade: (Hb 13:8)

(f) Criação: (Jo 1:3, 10)

(g) Santidade: (1 Jo 3:5)

(h) Perdão de pecados: (Mc 2:5)

(i) Todo juízo lhe é confiado: (Jo 5:22)

(7) Jesus fez declarações sobre si mesmo que seriam absolutamente despropositadas se Ele não fosse divino. (Jo 11:25-26; 4:14; 6:33-35)

(8) Jesus estava consciente e declarou sua relação ímpar como Filho de Deus com o Pai e com o Espírito Santo. (Jo 16:26; 6:20-27)

(9) Era atribuída adoração a Jesus. (Mt 14:33); (Mt 2:2,11).

A divindade de Cristo foi "negada na antigüidade: primeiro pelos ebionitas em 107 A.D., mais tarde (em 325 A.D.) por Ário e seus seguidores. Nos tempos modernos, questionada pelos deístas, unitaristas, cientistas cristãos, testemunhas de Jeová, mórmons e muitos teólogos liberais. A corrente principal da igreja Sempre manteve as doutrinas da trindade e da divindade de *Cristo*.

3. As obras de Cristo

Jesus era um trabalhador. Muitos escritores preferiram estudar obra do Senhor sob três títulos: (1) Sua obra como profeta, (2) Sua obra como sacerdote e (3) Sua obra como *rei*. O nome "Cristo" também significa "o Ungido". É apropriado que Cristo, o Ungido de Deus, devesse cumprir esses três ministérios como supremo Profeta,

Sacerdote e Rei.

a) Cristo, o Profeta - um profeta é alguém encarregado por Deus para tornar sua vontade conhecida ao homem. Uma obra secundária do profeta era predizer eventos futuros. Deuteronômio 18:18,19. O ministério do profeta era geralmente caracterizado por cinco funções, a saber:

- (1) pregação,
- (2) ensino,
- (3) discipulado,
- (4) predição,
- (5) milagres.

Todas as funções acima mencionadas foram certamente manifestadas em sua plenitude no ministério de Jesus, o Profeta:

- (1) Jesus iniciou seu ministério profético com pregação
- (2) No ministério de ensino de Jesus, ele foi o maior de todos os professores (Mc 1:21-22).
- (3) Ligado de perto com o ministério de ensino de Jesus estava o de fazer discípulos (Mc 3:14,15). O discípulo não é simplesmente aquele que aprende o conteúdo de livros e palestras, mas o que amadurece. Jesus deu aos discípulos a Grande Comissão, para ir e fazer discípulos de todas as nações, e eles entenderam perfeitamente o sentido de “fazer discípulos”.
- (4) Uma função secundária, mas importante, do profeta era Predizer eventos futuros. Algumas de suas predições foram:

- (a) sua própria morte e ressurreição (Mt 16:21)
- (b) a perseguição da igreja (Lc 12:11)
- (c) a vinda do Consolador, o Espírito Santo (Jo 16:7-11)
- (d) a destruição do templo e da cidade de Jerusalém (Lc 19:43,44)
- (e) os sinais e *condições* dos últimos dias e o triunfo da igreja (Mt 24; 16:18)

(5) Um sinal freqüente do profeta era o fato de seu ministério ser acompanhado pelo sobrenatural: Elias; Eliseu; Isaías e Daniel. Ele demonstrou

sua divindade de milagres como andar sobre as águas, acalmar a tempestade, transformar a água em vinho e multiplicar os pães e os peixes; esses foram milagres sobre a natureza, operados pelo Criador de todas as coisas. Acima de tudo, a maior parte de seus sinais e prodígios foram milagres de compaixão pelos doentes, aflitos e possuídos por demônios.

b) Jesus, nosso Grande Sumo Sacerdote - enquanto o profeta representa Deus para o homem, o *sacerdote* representa o homem para Deus. Três coisas caracterizam a obra do sacerdote: (1) ele está unido àqueles a quem representa diante de Deus e é tirado dentre eles; (2) ele oferece a Deus sacrifícios de expiação pelo pecado; (3) como mediador, ele faz intercessão pelo povo

(1) Jesus esvaziou-se (Fp 2:5-8). Ele vai a Deus Pai por nós, porque se fez um conosco. (Hb 2:17,18).

(2) Jesus foi tanto o sacerdote como o sacrifício em uma só pessoa: (I Tm 2:5)

(3) Jesus não morreu só para expiação de nosso pecado; Ele nos representa à destra do Pai como nosso intercessor. Hebreus 10:12

(4) Algo deve ser dito: O sacerdócio de Jesus acha-se sob a nova aliança da graça: (Hb 7:25).

c) Jesus, nosso Rei - Como profeta, Ele é o portador de mensagens; como sacerdote, o portador de pecados (fez expiação pelos nossos pecados); como rei, o portador do cetro. Moisés profetizou sua vinda como um profeta; Isaías previu sua vinda como o sacerdote que carregou sobre si o pecado; e Daniel o viu como o Messias e Rei que viria. Examinemos a obra real de Cristo sob três títulos:

(1) Cristo veio como rei: justo e salvador (Mt 2:2; Jo 19:19).

(2) Cristo descreveu seu reino como um reino presente e futuro: (Mc 1:14-15; Lc 11:20; Mt 16:19)

Primeiro, a palavra grega para "reino", *Basiléia*, não significa a esfera sobre a qual Cristo governa, mas o reino em si. Onde quer que Cristo Jesus seja soberano, aí está o seu reino. Onde quer que Cristo seja Senhor, o seu reino está presente. Segundo, quando os homens se rendem a Cristo, eles estão sendo

libertados do reino de Satanás e trasladados para o reino de Cristo (Lc 11:20).

(3) Ele voltará para reinar sobre o seu reino escatológico na posição de Rei dos Reis e Senhor dos Senhores (Ap 19:16; 20:6; 22:5,16).

Jesus cumpriu as profecias do Messias vindouro. Seu reino não era um reino visível com um trono e uma capital; mas durante seu ministério terreno, Ele derrotou Satanás e iniciou um reino de justiça.

d. Deus Espírito Santo ou a terceira pessoa da Trindade

Embora o texto de João 4:24 declare que Deus é espírito, o nome se aplica mais particularmente à terceira pessoa da Trindade. Enquanto o Velho Testamento repetidamente chama a Deus “o Santo de Israel” (Sl 71:22, 89:18, Is 10:20), já no Novo Testamento raramente aplica o adjetivo “santo” a Deus em geral, mas o utiliza frequentemente para caracterizar o Espírito. Provavelmente isto se deve ao fato de que foi especialmente no espírito e sua obra santificadora que Deus se revelou como o Santo. O *Credo Niceno faz a seguinte declaração*: "Cremos no Espírito Santo, que é o Senhor e doador da vida, que procede do Pai, que é adorado e glorificado com o Pai e o Filho, que falou pelos profetas."

1. A personalidade do Espírito Santo

O termo grego *pneuma* e o hebraico *ruach* têm ambos o mesmo significado de "sopro" ou "vento". Observe as seguintes provas bíblicas (das quais há muitas) da personalidade do Espírito Santo, assim como de sua identidade separada do Pai:

a) Pronomes pessoais são usados em relação a Ele; Efésios 1:13,14, usa um pronome relativo masculino para referir-se ao Espírito: "... fostes selados com o Santo Espírito da promessa, *o qual(masc.)* é o penhor da nossa herança..."

b) Características pessoais são atribuídas a Ele. A definição de pessoa é: "Alguém que possui inteligência, emoção ou sentimento e vontade."

(1) O Espírito Santo possui *inteligência* (Jo 14:26; 15:26; Rm 8:16).

(2) O Espírito possui *emoção, sentimento e vontade*: O Espírito Santo ama; é contristado; e é entristecido. (At 16:7; 1 Co 12:11; Is 63:10; Ef 4:30)

c) Atos pessoais são atribuídos ao Espírito Santo:

- (1) Ele fala (At 13:2);
- (2) Ele testifica (Jo 15:26);
- (3) Ele ensina (Jo 14:26);
- (4) Ele intercede (Rm 8:26-27);
- (5) Ele guia (Jo 16:13);
- (6) Ele manda e ordena (At 13:2);
- (7) Ele opera milagres (Rm 15:19).

d) Reações pessoais são atribuídas ao Espírito Santo.

- (1) Ele pode ser contristado e entristecido (Ef 4:30);
- (2) Ele pode ser tentado (At 5:9);
- (3) É possível resistir a Ele (At 7:51);
- (4) É possível mentir a Ele (At 5:3);
- (5) É possível desprezá-lo e blasfemar contra Ele (Mc 3:29-30).

e) Relações pessoais são mantidas pelo Espírito Santo.

- (1) com o Pai (Mt 28:19).
- (2) com Cristo (Jo 16:14)
- (3) com os crentes (At 15:28)

O fato é, que o Espírito Santo tem uma identidade separada do Pai e do Filho na trindade, por isso ele não é considerado uma força de Deus, mas também é Deus. O Próprio Jesus faz várias referências à vinda do Espírito Santo, a quem chama de "outro Consolador" (Jo 14:16-17, 26). Vemos claramente expressa por Jesus uma relação *eu – tu –ele*: Jesus ora, o Pai envia, o Consolador procede (Jo 16:7). O Espírito Santo procede então (como declaram os credos) do Pai e do Filho. Uma heresia da antigüidade chamada Sabelianismo ensinava que o Pai, o Filho e o Espírito Santo são apenas nomes diferentes para a mesma pessoa e as diferentes modalidades em que essa única Pessoa se manifestava.

2. A divindade do Espírito Santo

O Espírito Santo é o Deus verdadeiro, co-igual e co-eterno com o Pai e o Filho, a terceira pessoa da trindade. Não existem na trindade três indivíduos, mas três

identidades pessoais do Deus único. Podemos compreender melhor, então, porque a submissão dos crentes uns aos outros não os diminui, mas os torna mais agradáveis ao Senhor.

a) Ele é chamado de Deus. (At 5:3,4).

O Espírito Santo não é um ser criado: Ele sempre existiu como parte do Deus trino, e é tão eterno quanto o Pai e o Filho e também tem os mesmos atributos: 1) Onisciência (1 Co 2:10); 2) Onipresença (Sl 139:7); 3) Onipotência (Lc 1:35); 4) Santidade (Ef 4:30); 5) Presciência (At 1:16); 6) Amor (Rm 15:30).

b) Obras divinas são atribuídas ao Espírito Santo:

- (1) Criação (Jó 33:4);
- (2) Profecia (2 Sm 23:1-3);
- (3) Intercessão (Rm 8:26-27);
- (4) Inspiração na Escritura (2 Pe 1:21);
- (5) Agente na orientação divina (Mc 13:11).

3. Os nomes do Espírito Santo

Existem cerca de 350 passagens nas Escrituras que mencionam o Espírito Santo, em que mais de 50 nomes ou títulos podem ser discernidos. Títulos que acrescentam alguma coisa ao conhecimento total da natureza ou atividade do Espírito. Eles são os seguintes:

- a) O Espírito Santo (Lc 11:13);
- b) O Espírito de Deus (1 Co 3:16);
- c) O Espírito (Jo 3:6b);
- d) O Espírito de Jeová (Is 11:1-2);
- e) O Espírito do Deus vivo (2 Co 3:3);
- f) O Espírito de Cristo (Rm 8:9b);
- g) O Espírito de seu Filho (Gl 4:6);
- h) O Espírito de Jesus Cristo (Fp 1:19);
- i) O Espírito de santidade (Rm 1:4);
- j) O Espírito de purificação (Is 4:4);
- k) O Espírito da verdade (Jo 14:17);

- 1) O Espírito da vida (Rm 8:2);
- m) O Espírito da glória (1 Pe 4:14);
- n) O Espírito da graça (Hb 10:29);
- o) O Espírito eterno (Hb 9:14);
- p) O Espírito Santo da promessa (Ef 1:13);
- q) O Consolador (Jo 16:7).

4. *Os símbolos do Espírito Santo*

Além dos nomes e títulos atribuídos ao Espírito Santo, temos também várias figuras simbólicas de linguagem que a ele são empregadas na Escritura, para *revelar suas* características.

- a) Vento (Jo 3:8);
- b) Óleo (Lc 4:14-18);
- c) Pomba (Mt 3:16);
- d) Água (Jo 4:14);
- e) Fogo (Is 4:4); f) Vinho (Is 55:1).

CAPÍTULO III

A DOUTRINA DO ESPÍRITO SANTO (PNEUMATOLOGIA)

A – INTRODUÇÃO

- Há grande necessidade de o crente estudar bem o que ensina a Bíblia sobre o Espírito Santo e o seu trabalho. Há, talvez, mais ignorância sobre o Espírito Santo e o seu trabalho do que sobre qualquer outra fase importante da Teologia. Certamente nenhum crente quer roubar a glória desta Pessoa da Trindade, e ninguém pode também ignorar sua obra. Neste capítulo entraremos mais detalhadamente numa consideração do ministério do Espírito Santo, bem como o desenvolvimento de suas características. Planejamos estudar a obra do Espírito Santo, o ministério do Espírito Santo como Consolador, o fruto do Espírito, o batismo com o Espírito Santo, uma vez que você já estudou mais sobre a Atuação e os Dons do Espírito Santo no Terceiro Módulo (Pneumatologia).

B - A OBRA DO ESPIRITO SANTO

- Podemos dizer de maneira geral, que todas as operações divinas têm origem no Pai, são executadas pelo Filho, e levadas à fruição pelo Espírito Santo. A seguir vamos estudar as obras do Espírito Santo em sua relação com o universo físico, os perdidos, o Senhor Jesus Cristo e o crente.

1) A obra do Espírito Santo no universo material

a) O Espírito Santo atuou como um agente da criação. E ele atuou na criação dos três reinos:

1) Os céus e a terra - Gn 1:2; Jó 26:13; Sl 133:6;

2) A vida animal - Sl 104:30; referindo-se definitivamente a todas as criaturas mencionadas nos versículos anteriores desse Salmo: 11, 12, 14, 17, 18, 20, 21, 25, 26

3) A vida humana - Jó 33:4.

2) A obra do Espírito Santo na humanidade

a) O Espírito Santo dá testemunho da obra redentora de Cristo. (At 5:30-32).

b) O Espírito Santo convence o mundo do pecado, da justiça e do juízo. Jo. 16: 8-11.

1 - "Do pecado, porque não creem em mim"(v.9).

2 - "Da justiça, porque vou para o Pai, e não me vereis mais" (v.10).

3 - "Do juízo, porque o príncipe deste mundo já está julgado" (v.11).

3) A Obra do Espírito Santo na vida de Jesus Cristo

A. Com relação à pessoa de Cristo

a) Ele foi enviado ao mundo pelo Espírito Santo, de acordo com o Pai. (Is 48:16, 17).

b) Ele foi concebido, ou gerado, pelo Espírito Santo. Lc 1:35; Mt 1:18; Mt 1:20.

c) Sua recepção no templo foi preparada pelo Espírito Santo. (Lc 2:25-30).

- Esta é uma passagem notável em relação ao ministério do Espírito Santo, quando Ele testemunhou a Simeão e depois preparou o cumprimento da sua profecia a esse ancião.

d) Seu crescimento é atribuído ao Espírito Santo – Lc. 2:40, 52;

e) Ele foi guiado pelo Espírito Santo ao deserto, a fim de ser tentado pelo diabo – Mt. 4:1. Em outras palavras, todo o período de tentação, do começo ao fim, esteve sob o controle do Espírito Santo, e foi por meio do Espírito que a natureza humana de Jesus recebeu forças para vencer as severas tentações colocadas diante dele. Em lugar disso, sendo completamente homem, Ele confiou no Espírito Santo dentro dele para a capacidade de resistir ao mal.

B. No ministério terreno de Cristo

- Note os seguintes exemplos da atividade do Espírito Santo no ministério de Cristo:

a) O Espírito Santo ungiu Jesus com poder para o seu ministério. (Mt 3:16, 17).

b) A concessão do Espírito Santo qualificou-o oficialmente para o seu ministério público.

(1) Ministério de pregação (Lc 5:14,15; Mt 4:17 (Lc 4:18)

(2) Ministério de cura. (At 10:38). De fato, foi como resultado do poder que o Espírito Santo lhe concedeu que Ele pode operar milagres.

(3) Expulsão de demônios - Em Mateus 12:28; Atos 10:38; Isaías 61:1 (Lc 4:18).

C. Na morte e ressurreição de Cristo

a) Ele foi capacitado pelo Espírito Santo para oferecer o sacrifício necessário pelos pecados. (Hb 9:14)

b) Ele foi ressuscitado dos mortos pelo Espírito Santo. Romanos 8:11

D. No ministério de Cristo para a igreja

a) Cristo deu mandamentos aos seus apóstolos através do Espírito Santo. Atos 1:1,

b) Cristo é quem concede o Espírito Santo. (Jo 15:26). A coisa mais importante que Jesus fez por seus seguidores, depois de ter comprado a redenção através de sua morte e ressurreição, talvez tenha sido batizá-los com o Espírito Santo. João Batista, movido pelo Espírito Santo, ao falar do que caracterizava a vinda de Jesus, disse: "...Ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo..." (Mt 3:11). O Espírito estava tão vitalmente presente em todo o ministério do Salvador, que não é de admirar que os crentes tenham hoje este mesmo grande privilégio! (Jo 14:12).

4) Em relação ao cristão

- Nossa tarefa agora é observar a maneira como o Pai e o Filho são revelados nos crentes em Cristo e através deles no mundo de hoje

1. A obra do Espírito é a salvação

a) Se crente nasce de novo do Espírito Santo enfatizamos aqui o fato de que esta experiência, ou seja, a salvação é operada através do Espírito Santo:

"Uma das definições mais abrangentes de um cristão é que, ele é alguém em quem o Espírito Santo habita" (I Co 6:19).

- Isto não deve ser confundido com o batismo com o Espírito Santo.

b) O Espírito Santo dá testemunho da filiação do crente. (I Jo 5:10). (Rm 8:16). (G1 4:6)

c) O Espírito Santo batiza o crente no Corpo de Cristo. (I Co 12:12,13). Muita confusão surgiu com relação a este versículo, porque alguns ensinaram que ele se refere ao batismo com o Espírito que os cento e vinte receberam no dia de Pentecostes. Assim sendo, afirma-se que todos recebem o batismo com o Espírito Santo ao serem salvos.

- O batismo na água é um símbolo externo do que é realizado efetivamente pelo Espírito Santo.

d) O Espírito Santo sela o crente; (Ef 1:13,14). (Ef 4:30). O selo de propriedade de Deus sobre os seus santos é a presença do Espírito Santo habitando no coração deles. Este é o penhor ou sinal de que lhe pertencem, até o dia em que voltará para recebê-los. (2 Tm 2:19a).

2. A obra do Espírito Santo após à salvação

- Espírito Santo continua agindo no andar progressivo do filho de Deus.

a) O Espírito Santo santifica o crente. (2 Ts 2:13; 1 Pe 1:2)

b) O Espírito Santo capacita o crente a mortificar a carne. (Rm 8:5-13).

- É o Espírito Santo que nos capacita a mortificar - matar - a carne e a viver vitoriosamente no espírito (Rm 6:11).

c) O Espírito Santo transforma o crente à imagem de Cristo. (2 Co 3:18)

d) O Espírito Santo fortalece o crente para maiores revelações de Cristo. (Ef 3:1~19).

e) O Espírito Santo guia os filhos de Deus (Rm 8:14; Gl 5:19).

f) O Espírito Santo desempenha o papel de Consolador. (João 14:16,18, 14:26, 15:26 e 16:7-15).

g) O Espírito Santo produz fruto na vida do crente. (Gl 5:22; Rm 14:17; 15:13; 1 Tm 4:12; 2 Tm 3:10; Ef 5:8,9; 2 Tm 2:24,25; 2 Pe 1:5-7).

3. A obra do Espírito Santo em relação ao ministério ou serviço

- O ministério e o serviço espiritual são sempre descritos nas Escrituras como sendo efetuados pelo poder do Espírito Santo, e não através da capacidade humana. "...Esta é a palavra do Senhor a Zorobabel: "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos" (Zc 4:6).

a) O Espírito Santo capacita os crentes, dando-lhes poder para servir. (Mc 16:15; Lc 24:49, 3:16; At 1:8).

- O batismo com o Espírito Santo é diferente e é posterior à sua obra regeneradora no coração dos perdidos.

b) O Espírito Santo revela e esclarece a Palavra de Deus. O principal instrumento de que o obreiro precisa e que ele usa é a Palavra escrita de Deus - a Bíblia. Ela é revelação completa de Deus ao homem, indicando os meios de salvação e dando instruções sobre como viver a vida cristã. Uma coisa notável é que cada cristão pode ter o autor da Bíblia como seu professor e guia pessoal.

c) O Espírito Santo ajuda o crente a orar. (Rm 8:26,27; Ef 6:18).

- Muitas vezes o Espírito capacitará o intercessor a orar em outras Línguas a respeito de problemas que a pessoa jamais compreenderia em seu estado natural, mas que são milagrosamente resolvidos quando o crente ora "com o Espírito" (1 Co 14:14,15). Orar sob a unção do Espírito Santo torna-se uma das experiências mais preciosas do cristão.

d) O Espírito Santo concede poder para pregar a Palavra de Deus.

- A pregação eficaz do evangelho deve estar sob a unção do Espírito Santo

e) O Espírito Santo dá ao crente dons espirituais para ministrar a outros. O tema dos dons espirituais é mencionado em 1 Coríntios 12:4-11 e Romanos 12:6-8.

4. A obra do Espírito Santo em relação à ressurreição

a) Ele ressuscitará o corpo dos crentes no último dia. (Rm 8:11, 23; Fp 3:20, 21).

b) O Espírito Santo dá um antegozo desta ressurreição ao curar nossos corpos mortais. A expressão "vivificará os vossos corpos mortais, por meio do seu Espírito" parece conter também a promessa de que o Espírito Santo trará força e cura ao crente agora. (Efésios 1:13, 14; 2 Co 4:10,11).

C - O ESPÍRITO SANTO COMO CONSOLADOR

No Novo Testamento todo, o apóstolo João é o único que registrou um nome dado por Jesus ao Espírito Santo que não é usado em nenhum outro livro, que é "Consolador".

João registra duas expressões importantes que são usadas em João 14:16 com respeito à vinda do Consolador, as quais não devem ser postas de lado:

1) Jesus falou dele como "outro Consolador". Esta palavra "outro" é a pista para o significado do termo "Consolador". A palavra usada aqui **ἄλλος** significa outro da mesma essência, mesmo poder ou o mesmo Deus. O Espírito Santo não é outra espécie de Consolador, mas o mesmo Deus que Jesus tinha sido.

2) Jesus disse sobre o Consolador: "...afim de que esteja para sempre convosco" (Jo 14:16). O Consolador prometido foi dado num sentido permanente. Ele habita no crente para sempre. Enquanto houver uma igreja, haverá um Consolador. Podemos esperar que a permanência do Espírito na igreja resultará nas mesmas obras de poder e bênção em todas as eras. É através do Espírito que Jesus para nós "Ontem e hoje é o mesmo, e o será para sempre" (Hb 13:8).

O Espírito não só consola, encoraja, intercede e ajuda; mas Ele também suplica, exorta e roga. Ele é um persuasor. Sem a persuasão do Espírito Santo, nenhuma pregação teria sucesso, nem a sua doutrina permaneceria muito tempo incorruptível e assim não seria mais sua doutrina. Nenhuma consideração da obra do Espírito seria completa sem levar em conta sua operação de súplica, convicção e persuasão.

A. Ele é nosso professor - "O Espírito da verdade": "Ele vos ensinará todas as coisas" (Jo.14:26)

1. Ele guia para a verdade (Jo. 16:13)

2. Ele atua como porta-voz de Deus para revelar suas palavras e desejos: (Jo. 16:12,13)

a) Isto se refere provavelmente, em sua aplicação mais ampla, ao fato do Espírito Santo inspirar homens escolhidos para escrever as Escrituras do Novo Testamento.

b) Ele também fala ao coração de cada cristão, revelando (revelar aqui está no sentido de mostrar a partir das escrituras, não o fato de trazer algo novo dos céus para

o crente, mas somente confirmar o que já está nas escrituras e ainda não é do conhecimento do cristão), o que Deus quer que cada um faça em seu serviço para o Senhor. (At 8:26-29; 16:6-10).

3. Ele revela coisas que ainda virão: (Jo 16:13)

a) Bênçãos futuras em nossa vida espiritual. (1 Coríntios 2:9-12)

b) Verdade dispensacional. O Espírito Santo irá dar testemunho, àqueles que quiserem ouvir, quanto ao que está à espera do mundo e da igreja, esclarecendo as escrituras proféticas (Am 3:7; Gn 18:17). O Paracleto (Paracleto – termo grego para designação do Espírito Santo enquanto aquele que está junto ao cristão intercedendo) não tem um ensino independente.

c) O que está à frente no caminho do cristão. (At 21:10,11).

B. Ele nos faz lembrar "... Esse... vos fará lembrar..." (Jo 14:26)

1. Lembrando a Palavra de Deus (Jo 14:26)

2. Lembrando uma promessa especial dada por Deus no passado (At 23:11), (At 27:24, 25). (1 Rs 8:53).

3. Trazendo à memória pensamentos e passagens da Escritura quando pregamos ou testemunhamos a alguém a respeito de sua necessidade espiritual

C. Ele é quem nos revela Jesus (Jo 15:26; Jo 16:14).

Toda vez que o Espírito Santo está atuando poderosamente é certo que Jesus é poderosamente glorificado. Através da operação do Espírito Santo há uma revelação tripla de Jesus Cristo.

1. Cristo é revelado ao crente pelo Espírito Santo - (Jo 16:14, 15).

2. Cristo é revelado no crente pelo Espírito Santo (Gl 1:15, 16; 14:19). (Veja também Ef 4:14; II Co 3:18.) Um dos grandes propósitos da salvação é restaurar a imagem de Deus no homem, a qual ele perdeu ao pecar (Gl 5:22,23 (Ef 4: 13).

3. Cristo é revelado através do crente pelo Espírito Santo (Jo 16:13,14).

O Espírito Santo não se engrandece, nem ao veículo humano através do qual opera. (At 2:36 (At 8:35). Nos dias do Nos dias de sua carne, Jesus foi a manifestação de

Deus no mundo. Deus agora se manifesta através da revelação de Cristo, feita pelo Espírito Santo, através de canais humanos.

D. Ele reprova o sistema mundano e ao mesmo tempo o convence (Jo 16:4-11)

D- O FRUTO DO ESPÍRITO (G1 5:22,23; Ef 5:9; Rm 6:22).

Podemos declarar que a manifestação prática da vida cristã é representada pelo fruto do caráter, manifestado em sua vida diária. E é desta forma que o cristão dá evidência da realidade da vida de Cristo em seu interior (Mt 7:16b-20). Desta forma podemos verificar que o fruto do Espírito é a verdadeira característica da vida cristã. (Sl 1:3). Que leva o verdadeiro cristão à produção de frutos, afinal de contas, o propósito principal da árvore é produzir fruto (Mt 21:18,19; Jo 15:2; Gl 5:22,23).

Temos o fruto do Espírito quando temos o Espírito. O fruto do Espírito é o caráter de Cristo, produzido pelo Espírito de Cristo, no seguidor de Cristo. O capítulo 13 de I Coríntios é simplesmente uma extensão de Gálatas 5:22,23. O crente em Cristo que já tem o Espírito Santo, começa a colocar em prática a palavra de Deus e automaticamente vai sendo gerado nele o fruto do Espírito, em contraposição às obras da carne.

A. O contraste entre as obras da carne e o fruto do Espírito

A lista do fruto do Espírito, como registrado em Gálatas 5:22,23, é precedida por uma lista do que Paulo chama de "obras da carne" (Gl 5:19-21). Um homem cheio do Espírito pode ser reconhecido por seu fruto. O homem carnal pode ser identificado por suas obras. As obras pertencem a oficina; o fruto, ao jardim.

B. Os segredos da produção do fruto (João 15:1-8)

1) Permanecer em Cristo. Todo crente tem o Espírito Santo habitando nele, e à medida que continuar permanecendo em Cristo, experimentará o fruto do Espírito em sua vida. O fruto não resulta do batismo com o Espírito, mas da permanência em Cristo. Muitos dos que são batizados com o Espírito deixam de avançar, a fim de viver da plenitude do Espírito. O crente só tem uma responsabilidade: permanecer em Cristo. O fruto é o produto natural da permanência. Todavia, se ele não permanecer, não dará fruto e, conseqüentemente, é lançado fora.

2) O processo da poda (João 15:2). Algumas vezes o Senhor precisa cortar algumas das "folhas" da autoindulgência da vida do cristão, para que ele possa produzir "mais Fruto" e até "muito fruto". "Meu Pai é o agricultor" (Jo 15:1).

C. O que significa permanecer em Cristo?

Ao considerar a relação entre o crente e Cristo, isto significa uma comunhão constante com Ele. (Gl 5:25), ser "guiado pelo Espírito" (Gl 5:18) e "andar no Espírito" (Gl 5:16,25).

D. A diferença entre os dons do Espírito e o fruto do Espírito

- Note as seguintes diferenças entre os dois: os dons do Espírito estão ligados às qualificações espirituais - o que a pessoa pode fazer no serviço do Senhor. O fruto do Espírito tem a ver com o caráter espiritual - o que a pessoa é no Senhor. Os dons são recebidos como resultado do batismo com o Espírito Santo. O fruto é resultado do novo nascimento e de permanecer em Cristo. Os dons são recebidos instantaneamente, enquanto o fruto se desenvolve gradualmente. Os dons, por si mesmos, não são um meio de julgar a profundidade de nossa vida espiritual, mas o fruto é o critério básico de desenvolvimento da vida e caráter espiritual.

- Existe uma variedade de dons, mas um só fruto do Espírito. Em I Coríntios 12:8-10, Paulo cita nove dons diferentes do Espírito. Outras passagens, tais como Romanos 12:6-8, Efésios 4:11 e I Pedro 4:10,11, também vão relacionar à diversidade dos dons espirituais. No entanto, em Gálatas 5:22,23 menciona oito características do fruto do Espírito, sendo o seu principal ângulo o amor. Todas essas outras virtudes mencionadas não passam de facetas do amor.

- a) A alegria é o amor exultando.
- b) A paz é o amor em repouso.
- c) A longanimidade é o amor que não se cansa.
- d) A benignidade é o amor que suporta.
- e) A bondade é o amor em ação.
- f) A fé é o amor no campo de batalha.
- g) A mansidão é o amor sob disciplina.
- h) O domínio próprio é o amor sendo treinado.

E. Características detalhadas do fruto do Espírito

1. Amor: "Mas o fruto do Espírito é: amor..." (Cl 5:22) (I Jo 4:7, 8). O amor é então evidência de que o indivíduo procede de Deus. Não é só a evidência interior, mas também a exterior. Jesus disse: "Nisto conhecerão todos que sois meus discípulos, se tiverdes amor uns aos outros" (Jo 13:35). Ele também deu a seus discípulos o mandamento: "...Amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam" (Lc 6:27,28). Estar cheio do Espírito é estar cheio de amor.

2. Alegria: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo " (Rm 14:17). A alegria cristã não é, porém, dependente das circunstâncias. Paulo usa as palavras "alegria" e "rejubilar" dezessete vezes em sua carta epístola aos Filipenses. Sl. 16:11.

3. Paz: "Porque o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo" (Rm 14:17). A paz é mais profunda e mais constante que a alegria. (Jo 14:27). (Fp 4:7). (Rm 5:1)

4. Longanimidade – paciência: Quase todos os tradutores modernos interpretam esta palavra como "paciência". Esta não é uma característica predominante do espírito humano. (2 Pe 3:9). (Sl 86:15).

5. Benignidade – delicadeza: Não existe maior sinal de grandeza e nobreza de caráter do que a capacidade de reprovar bondosamente. "Repreende, exorta com toda a longanimidade e doutrina" (2 Tm 4:2). "O amor é paciente, é benigno" (1 Co 13:4).

6. Bondade: "Porque o fruto do Espírito está em toda a bondade, e justiça e verdade" (Ef 5:9). A bondade mencionada aqui se refere a obras e atos de bondade, bondade mostrada a outros, obras práticas do amor. Quando o homem é verdadeiramente bondoso de coração, ele faz o bem a outros.

7. Fé: A maioria dos tradutores interpreta este termo como "fidelidade", em lugar de fé". Ele tem a ver com o caráter em sua relação com outros.

8. Mansidão: (Mt 11:29). Mansidão é lentidão em irar-se e ficar ofendido. Os mansos não são violentos, ruidosos ou agressivos

9. Domínio próprio – autocontrole: Domínio próprio ou "temperança" é, na verdade, "autocontrole". Entre as graças do Espírito, que são fruto da permanência em

Cristo, nenhuma é mais importante que o autocontrole. (Pv 16:32). Temperança significa autocontrole completo. Significa controle sobre a ira, paixão carnal, apetites, desejo de prazeres mundanos e egoísmo. (1 Co 6:12-14).

E - O BATISMO COM O ESPÍRITO SANTO

- O batismo com o Espírito Santo é o segredo do poder da igreja prometido por Jesus aos que nele cressem. Então não é um fato isolado acontecido por ocasião da igreja primitiva, mas é também vivo e real para os dias atuais, pois a igreja de Jesus ainda é bem real e viva.

A. O nome da experiência

I. Negativamente

a) Não é "uma segunda obra definida da graça". (2 Pe 3:18).

b) Não é "a segunda bênção". Essa expressão também não é usada na Escritura.

c) Não é "santificação". Santificação é o nome bíblico para algo completamente diferente do batismo com o Espírito Santo

d) Não é "santidade". Santidade é uma palavra bíblica abençoada, mas descreve um atributo de caráter, e não uma experiência. Ela é desenvolvida, e não recebida como um dom ou uma bênção única.

2. Positivamente - é o "batismo com o Espírito Santo" (Mt 3:11); (Mc 1:8)

- Esta grande experiência deve ser chamada pelo seu nome correto.

B. O que é o batismo com o Espírito Santo

1. Negativamente

a) Não é o novo nascimento. O batismo com o Espírito Santo é subsequente à sua obra regeneradora e distinto dela. Os seguintes fatos provam esta distinção.

(1) Os apóstolos foram convertidos sob o ministério de Jesus - Tm 1:35-50; Lc 10:20; Jo 13:10,11; Jo 15:3. Eles tiveram ordem para ficar em Jerusalém e foram instantaneamente cheios do Espírito, pelo menos 10 dias mais tarde (Lc 24:49; At 1:13,14; 2:1-4).

(2) Os samaritanos foram salvos sob o ministério de Filipe - Atos 8:5-8. Eles receberam o batismo com o Espírito Santo sob o ministério de Pedro e João alguns dias depois (At 8:14-17).

(3) A conversão de Paulo efetuou-se na estrada de Damasco, através de uma visão pessoal do Cristo ressurreto - Atos 9:5-9. Ele foi batizado com o Espírito Santo sob o ministério de Ananias três dias mais tarde (At 9:17-19).

(4) Os doze homens em Éfeso eram "crentes". Esses crentes foram batizados nas águas e mais tarde receberam o batismo com o Espírito Santo, após a imposição das mãos dos apóstolos (At 19:2-7). Não é necessário um longo período de tempo entre a salvação e a plenitude do Espírito, mas o batismo com o Espírito Santo é uma experiência adicional ao novo nascimento.

b) Não é santificação. A santificação está ligada à separação para Deus e à purificação para o seu serviço. Ela é dupla:

(1) Instantânea (Jo 15:3; 1 Co 6:11; Hb 10:10-14), deferindo-se especialmente à posição do crente em Cristo; e

(2) Progressiva (1 Ts 5:23; Hb 6:1; 12:14), referindo-se ao processo diário pelo qual a condição real do crente é elevada até a sua posição

c) Não é uma recompensa pelos anos de serviço cristão, nem o auge da experiência cristã.

d) Correção de um erro. O livro de Atos registra pelo menos quatro outras ocasiões em que o Espírito foi derramado após o dia de Pentecostes: Atos 8:14-17; 9:17; 10:44-46; 19:2-7.

2. Positivamente

a) O batismo com o Espírito Santo é uma experiência definida, subsequente à salvação, em que a Terceira Pessoa da Divindade desce sobre o crente para ungi-lo e capacitá-lo para um serviço especial.

b) A promessa do Pai. (Lc 24:49). (At 1:4).

c) Um dom (At 2:38 (At 5:32

d) O mandamento do Senhor. (At 1:4). (At 5:32). (Ef 5:18).

C. O propósito e a necessidade do batismo com o Espírito Santo

1. Poder para serviço

O principal propósito do batismo com o Espírito Santo é que o crente tenha poder para o serviço cristão (At 1:8). Este poder para serviço especial é o resultado específico de ter sido cheio com o Espírito. (Lc 4:18). (At 10:38). (Mt 12:28). (Jo 14:12).

Os discípulos transformaram-se em homens diferentes depois que o Espírito Santo desceu sobre eles no Pentecostes. (João 20:19) (At 5:17-20), (At 4:19,20). (At 4:29-31).

2. Poder para a Luta espiritual

O crente precisa da plenitude do poder do Espírito Santo em sua vida em vista da própria natureza da tarefa que lhe foi entregue. (Ef 6:12). (2 Co 10:3-5). (1 Jo 4:4).

3. Poder para capacitação

O poder do alto é "capacitação" do céu:

A capacidade para seguir

A capacidade para responder

A capacidade para exaltar o Senhor Jesus Cristo.

A capacidade para amar

A capacidade para pregar Cristo

A capacidade de exercer dons espirituais

A capacidade para sofrer perseguição por causa do Senhor.

A capacidade de viver uma vida santa

A capacidade de trabalhar para Deus

D. Para quem é o batismo com o Espírito Santo?

1. Negativamente

a) Ele não é apenas para os que viveram nos dias dos apóstolos (At 2:38,39)

b) Ele não é simplesmente para os ministros, missionários e aqueles em serviço especial para o Senhor. (1 Co 12:21-25).

O cristão mais humilde, que esteja andando no centro da vontade de Deus, é tanto um servo do Senhor como o mais famoso pregador de sua época (Rm 32:3-8).

c) Não é simplesmente para uma classe privilegiada especial. (At 10:34,35,44-48; 11:15-18). O Senhor não faz acepção de pessoas e não tem favoritos. O indivíduo não deve também pensar que por ter recebido o batismo com o Espírito Santo é melhor que os demais.

d) Não é simplesmente para os cristãos amadurecidos. (At 8:14-17). (At 10:44-46). (At 2:38).

2. Positivamente - para todos os que crerem

O batismo com o Espírito Santo é para todos, em todas as eras, que crerem em Jesus Cristo como Salvador e Senhor e vierem a ser filhos de Deus através dele.

E. Condições para obter o batismo com o Espírito Santo

1. Arrependimento do pecado (At 2:37,38). At 17:30.)

2. Uma experiência definida de salvação. É preciso estar na família de Deus antes de poder esperar este dom do Pai. (G1 4:6).

3. Batismo nas águas (At 2:37,38). A ordem parece ser: arrependimento, regeneração, batismo nas águas e depois batismo com o Espírito Santo. É interessante, porém, notar que, em dois casos registrados no livro de Atos, o derramar do Espírito Santo precedeu o batismo nas águas (At 9:17,18) (At 10:47-48)

4. Uma profunda convicção da necessidade

5. Uma medida de consagração. No momento em que a pessoa se rende a um batismo de poder **para** servir, é preciso haver uma entrega da vontade própria à vontade de Deus. O sentido é, porém, o de mudar o centro de nossa vontade - do "eu" para Cristo.

F. Como receber o batismo com o Espírito Santo

1. Pela fé (G1 3:14). Jo 7:39). O batismo no Espírito Santo não é uma questão de sentimentos, sinais ou evidências. Trata-se de uma questão de crer que Deus enviará sua promessa sobre nós - que Jesus batizará com o Espírito Santo. É possível crer que aceitamos a plenitude do Espírito pela fé sem que Ele venha sobre nós com grande poder. Mantenha seu coração aberto diante do Senhor com fé esperançosa até Que saiba

realmente que o Espírito o batizou. Não substitua a experiência pela idéia. Quando o Espírito vem em sua plenitude, ninguém precisa de que lhe digam que Ele chegou.

a) Fé na promessa de Deus. (Lc 11:11-13) (Mc 11:24).

b) Fé em que a promessa de Deus é para você. (At 2:38,39). (Lc 11:10). Uma crença geral na promessa de Deus não basta. É preciso haver uma apropriação pessoal da promessa do Espírito.

c) Uma fé persistente que não será negada. As duas parábolas de Jesus, em Lucas 11:5-10 e 18:1-8, enfatizam a importância da consistência e persistência na fé, que não pode ser negada.

d) Fé manifesta em louvor e ação de graças. Quase invariavelmente o Espírito Santo vem quando a pessoa está louvando o Senhor. O louvor é uma manifestação de fé.

2. Pela entrega completa de todo o ser afim de que o Espírito Santo possa agir livremente. Esta é em geral a condição mais difícil a cumprir. Depois do indivíduo compreender sua necessidade do batismo com o Espírito, e se achegar ao Senhor para a sua bênção, resta ainda a questão da entrega de suas várias faculdades ao controle do Espírito. (Lc 3:16; Mc 1:8; Mt 3: 11). (At 2:32,33). Quando recebemos o batismo no Espírito Santo, estamos nos rendendo a Cristo. O batismo no Espírito Santo é então uma entrega total ao Senhor Jesus Cristo. É vitalmente importante, porém, compreender que em momento algum o Senhor exige que o crente desista de sua própria personalidade. O Espírito Santo não toma o lugar do indivíduo. Ele simplesmente procura brilhar através dele, acentuando e glorificando os talentos e todo o ser do indivíduo.

3. A busca pelo batismo com o Espírito Santo. (Lc 24:44) (At 1:4). Aos que buscam deve ser ensinado que o Espírito está disposto enchê-los no momento em que abram os seus corações, rendam suas vidas e exerçam fé. (At 8:14-17). Quando Pedro e João ensinaram sobre o Espírito Santo, eles realizaram uma reunião de oração com os novos convertidos; depois disso, impuseram as mãos sobre eles e o Espírito foi derramado. As

seguintes condições, caso existam, podem causar demora no recebimento da plenitude da promessa de Deus: fé débil, vida impura, consagração imperfeita e motivos egocêntricos.

G. A maneira como o batismo com o Espírito Santo é recebido

1. De repente, enquanto estavam sentados e esperando a sua chegada (At 2:1-4)
2. Instantânea e inesperadamente, enquanto ouviam um sermão (At 10:44-46)
3. Através da oração e da imposição das mãos dos apóstolos (At 8:14-17; 9:17; 19:6)
4. Através da oração e da fé pessoal do indivíduo que busca (Lc 11:4-13; Jo 7:37-39)

H. Evidências e resultados do batismo com o Espírito Santo

- Uma parte das evidências manifesta-se imediatamente, enquanto outras continuam numa base permanente à medida que a pessoa anda na plenitude do Espírito.

1. Evidências imediatas

a) Falar em outras línguas conforme concedido pelo, Espírito (At 2:4; 10:44-46; 19:6). Existem muitas operações do Espírito, mas um só batismo no Espírito Santo. Se não houvesse qualquer evidência sobrenatural específica do batismo no Espírito Santo pela qual ele pudesse ser distinguido de todas as outras operações do Espírito, como alguém poderia ter certeza da sua experiência? Acreditamos que a evidência inicial do batismo no Espírito Santo seja falar em outras línguas, segundo o Espírito concede. A evidência da plenitude do Espírito no dia de Pentecostes foi a de falar em outras línguas, conforme concessão do Espírito. (At 2:4; Atos 10:44-46a). É interessante e importante notar como os judeus que acompanharam Pedro reconheceram que aqueles gentios haviam recebido a experiência do Espírito Santo que os discípulos também haviam recebido no dia de Pentecostes. O indivíduo não busca o falar em línguas, mas o Espírito propriamente dito; todavia, ele busca um sinal que o certifique de ter sido cheio à maneira bíblica.

- Em Atos 4:31 não há menção de línguas. Mas isto poderia ter sido muito bem um novo enchimento dos que tinham sido inicialmente batizados no dia de Pentecostes.

- Em Atos 9:17 não lemos que Paulo falou em línguas quando recebeu o Espírito; mas que fez isso é certo, de acordo com seu testemunho: (1 Co 14:18).

b) Pontos importantes a notar:

(1) Falar em línguas não é batismo com o Espírito Santo - é a evidência inicial, mas não a única.

(2) Não procure falar em línguas como se fosse o batismo com o Espírito Santo - busque mais de Deus e renda-se a Ele. O Senhor cuidará do resto.

c) Outras evidências imediatas de uma nova experiência da unção do Espírito na vida irão incluir: louvor a Deus (At 2:11; 2:47; 10:46); uma alegria trasbordante (At 2:46); o peso profundo e o desejo de pregar ou testemunhar sobre Jesus (At 1:8; 2:14-18; 3:31; 19:6).

2. Evidências permanentes

a) Jesus Cristo glorificado e revelado como nunca antes (Jo 14:21-23; 15:26; 16:13-15) (Ef 1:17-23).

b) Uma paixão mais profunda pelas almas. (At 2:14-41; 4:19-20; 5:29-33; 6:8-10; 11:22-24; 26:28,29).

c) Um poder maior para testemunhar (At 1:8; 2:41; 4:31-33; Jo 15:26,27; 1 Co 2:4,5).

d) Um novo poder na oração ~ no espírito de oração (At 3:1; 4:23-31; 6:4; 10:9; Rm 8:26; Jd 20; Ef 6:18; 1 Co 14:14-17).

e) Um amor mais profundo pela Palavra de Deus e maior percepção da mesma (Jo 16:3).

f) As manifestações dos dons do Espírito (1 Co 12:4-11).

I. Plenitude adicional do Espírito Santo

- O batismo com o Espírito Santo é uma experiência definida na vida do cristão, sendo porém mais que uma simples experiência - é vida. Paulo admoestou os cristãos: "E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito..." (Ef 5:18). Ele disse literalmente: "Mantenham-se cheios do Espírito." Esta é uma experiência contínua.

CONCLUSÃO DO CURSO

“Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente que edificou a sua casa sobre a rocha...”

Mateus 7:24

Esperamos que este curso tenha te ajudado a ter uma visão maior das doutrinas e bases da fé cristã, e acima de tudo a dentro de toda explicação feita tirar suas próprias conclusões com respeito à nossa vivência com Deus.

Que você tenha realmente edificado sua fé sobre princípios sólidos, daquele que é a Rocha, Jesus Cristo.

REFERÊNCIAS

- 1) Wayne Grudem, *Teologia Sistemática Atual e Exhaustiva*; São Paulo, Editora Vida Nova, 1999.
- 2) A.B. Langston, *Esboço de Teologia Sistemática*; Rio de Janeiro, Editora Juerp, 1988.
- 3) Guy P. Duffield/Nathaniel M. Van Cleave, *Fundamentos da Teologia Pentecostal*; São Paulo, Editora Quadrangular, 1991.
- 4) Louis Berkhof, *Teologia Sistemática*; Campinas, Luz Para o caminho Publicações, 1994.
- 5) Pannenberg, Wolfhart, *Teologia Sistemática*; Santo André, Editora Academia Cristã, 2009.

OBS:

É proibida a reprodução total ou parcial desta apostila, sem a permissão por escrito, do Seminário Casa de Profetas.